

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ILTON ANTONIO DA SILVA

O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS  
FUNDAMENTADO EM PRINCÍPIOS CRISTÃOS

São Leopoldo

2013



ILTON ANTONIO DA SILVA

O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS  
FUNDAMENTADO EM PRINCÍPIOS CRISTÃOS

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do Grau de  
Mestre em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da  
Bíblia

Orientador: Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586r Silva, Ilton Antonio da

O relacionamento entre pais e filhos fundamentado em princípios cristãos / Ilton Antonio da Silva ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.

68 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Pais e filhos. 2. Crianças – Desenvolvimento. 3. Educação de crianças. 4. Família – Aspectos religiosos – Cristianismo. I. Reblin, Iuri Andréas. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

# BANCA EXAMINADORA

1° Examinador:   
\_\_\_\_\_  
PROF. DR. IURI ANDREAS REBLIN (PRESIDENTE)

2° Examinador:   
\_\_\_\_\_  
PROF. DR. REMÍ KLEIN (EST)



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus,  
por me iluminar e conceder força em mais uma conquista;

À minha esposa professora Ester e Filhos: Glauber e Hadassa,  
pelo apoio e compreensão, que nunca faltou durante os estudos, além deste  
companheirismo, as lindas e significantes experiências que temos compartilhado  
juntos, que enriqueceram meus conhecimentos e sentimentos;

À Igreja Assembleia de Deus de Cotriguaçu-MT,  
na qual, pela graça de Deus apascento, pela compreensão e apoio;

Ao Prof. Dr. Iuri Andréas Reblin, meu orientador e demais professores da EST,  
pelas instruções e apoio nesta conquista;

Ao Pastor Sebastião Rodrigues de Souza,  
Presidente da COMADEMAT (**Convenção dos Ministros das Assembleias de  
Deus do Estado do Mato Grosso**), segundo Vice-Presidente da CGADB  
(**Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil**), meu pastor presidente,  
pela compreensão em permitir estar na Faculdade todas às vezes necessárias.

Louvo a Deus por tudo isso, e afirmo:  
vocês são dádivas de Deus para minha vida.



## RESUMO

A pesquisa é bibliográfica, perscruta as Escrituras Sagradas, literaturas de teor secular e busca deixar um norte com fundamentação psicológica e cristã sobre o relacionamento de pais e filhos nos anos iniciais do ser humano. Destaca a importância do desenvolvimento humano e o valor dos saberes desse processo formativo, pois cooperará para a formação apropriada da criança. Descreve a imputabilidade necessária desde a existência intrauterina, pois a vida do ser humano principia no momento em que as células germinais originárias dos pais se encontram. Aborda o desenvolvimento da personalidade que se desenvolve desde o nascimento e a importância do posicionamento adequado dos pais ancorado no bom testemunho. Realça que o conhecimento dos fatores que permeia a existência da criança ajudará na formação dos filhos dentro de relações afetuosas e efetivas. Menciona princípios e conceitos bíblicos que norteiam a relação nos anos formativos da criança, destacando o lar como instituição de alta relevância na constituição do ser humano. Versa que, no contexto cristão, a fé começa em casa, onde a instrução e testemunho dos pais enraízam os preceitos divinos nos filhos, de forma que Deus estará presente nas experiências diárias. Frisa o amor como via integradora para a construção de relacionamentos saudáveis e efetivos, realçando-o como a inusitada conjuntura em que a vida cumpre os seus desígnios, sendo a base de relações sólidas, especialmente a dimensão do amor incondicional. Significa o pedir perdão e o perdoar como atitudes fundamentais que nutrem a interação. Explicita a disciplina na contextura de ensinar à criança o caminho apropriado, porém, notifica que a criança só responderá de forma positiva se sentir verdadeiramente amada e aceita. Especifica que dentro dessas características o amor será adequado e funcionará como via integradora eficaz no relacionamento com os filhos.

**Palavra-chave:** Relacionamento. Pais e Filhos. Desenvolvimento Humano. Princípios Bíblicos. Testemunho. Amor.



## ABSTRACT

The research is bibliographic; it investigates the Holy Scriptures, secular literature and seeks to leave a guideline with a psychological and Christian foundation about the relationship of parents and children in the initial years of the human being. It highlights the importance of the human development and the value of knowledge of this formative process, since this cooperates with the appropriate formation of the child. It describes the necessary responsibility beginning with the intrauterine existence, since the life of the human being begins at the moment that the originating germinal cells of the parents meet. It deals with the development of the personality which develops beginning with the birth and the importance of the adequate posturing of the parents anchored in the good witness. It highlights that the knowledge of the factors which permeate the existence of the child will help in the formation of the children within affectionate and effective relations. It mentions biblical principles and concepts which guide the relation in the formative years of the child, pointing out the home as an institution of high relevance in the constitution of the human being. It says that in the Christian context, the faith begins in the home, where the instruction and witness of the parents implant the divine precepts in the children so that God is present in the daily experiences. It emphasizes love as the integrating path for the construction of healthy and effective relationships, highlighting it as the uncommon conjuncture in which life fulfills its designs, being the base of solid relations, especially the dimension of unconditional love. It means that asking forgiveness and forgiving are fundamental attitudes which nourish the interaction. It explains discipline in the contexture of teaching the child the appropriate path, however it warns that the child will only respond positively if it feels truly loved and accepted. It specifies that within these characteristics the love will be adequate and will work as an integrating effective path in the relationship with the children.

**Keywords:** Relationship. Parents and Children. Human Development. Biblical Principles. Witness. Love.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>1 O DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CICLO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO ADEQUADA DA CRIANÇA .....</b>	<b>15</b>
1.1 Responsabilidades necessárias desde a existência intrauterina .....	17
1.2 Fatores que ajudam os pais .....	21
1.3 O desenvolvimento da personalidade .....	25
<b>2 CONCEITOS E PRINCÍPIOS BÍBLICOS QUE NORTEIAM A RELAÇÃO PAIS E FILHOS NOS ANOS FORMATIVOS DA CRIANÇA: ALGUNS APONTAMENTOS ..</b>	<b>31</b>
2.1 O Relacionamento com a Criança entre os Gregos, Romanos, Judeus e Jesus .....	31
2.2 Lar, um fator importante .....	34
2.3 A fé começa em casa .....	37
<b>INTERLÚDIO: A EXPERIÊNCIA DE SER PAI .....</b>	<b>43</b>
<b>3 AMOR COMO VIA INTEGRADORA PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SAUDÁVEIS E EFETIVAS .....</b>	<b>47</b>
3.1 A Base .....	47
3.2 Três Formas Eficazes de Transmitir Amor aos Filhos .....	48
3.3 Perdoar e Pedir Perdão .....	52
3.4 Disciplina .....	54
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>



## INTRODUÇÃO

O relacionamento entre adultos e crianças, pais e filhos, permeia toda a existência humana, justamente pelo fato de que o ser humano não nasce amadurecido. A infância é uma das etapas mais importantes da vida humana, pois é nesta fase que o ser humano é introduzido ao mundo e ao universo característico-cultural no qual ele vive e organiza sua vida. Nessa fase determinativa, a criança carece de uma base familiar ajustada para seu desenvolvimento. O trabalho aprofunda a análise quanto a relações saudáveis e afetivas entre pais e filhos nos anos formativos da criança, relativo à total dependência nessa faixa etária da vida, valorizando o desenvolvimento espiritual, cognitivo, físico e moral apropriado.

Tendo em vista o fato de que grande parte da formação da personalidade do ser humano é definida logo nos primeiros anos da vida, seguem as perguntas: como a postura dos pais, sabedores do desenvolvimento da criança, contribui nesta formação? E, sendo a Bíblia Sagrada uma escritura inspirada, quais orientações se pode extrair dela, na dimensão do amor, para a formação espiritual, cognitiva, física e moral adequada para a criança? Diante disso,

O primeiro capítulo realça o desenvolvimento humano e a posse dos saberes desse desdobramento na fase infantil, identificando as transformações desta fase e os fatores que poderão ser trabalhados, destacando as implicações à formação da criança. Nesta etapa da vida humana, as crianças são dependentes dos pais, agem muito por imitação e desenvolvem a base de sua personalidade. Por ser a individualidade do ser humano fundamentada em boa parte na faixa etária infantil, na qual a criança necessita de amor, orientação, disciplina, limites e bom testemunho dos pais, este capítulo enfatiza a falta de tal conhecimento e como a negligência do mesmo origina um desequilíbrio não somente nos anos formativos, mas também posicionamentos desajustados na vida adulta. A falta de atenção nesta fase causa danos não somente no âmbito subjetivo, mas também no âmbito social. O capítulo salienta a necessidade de cultivar o desenvolvimento da criança, a fim de que ela possa se relacionar de forma proveitosa com os outros, sendo tarefa dos pais explorar todas as dimensões da vida infantil de forma amável e efetiva,

propiciando o desenvolvimento cognitivo, afetivo, psíquico, social e cultural, por meio do relacionamento baseado no amor.

O segundo capítulo ressalta que as Escrituras Sagradas trazem orientações para todas as situações que envolvem o ser humano e, no relacionamento de pais e filhos, não se foge disso! Foca o relacionamento com a criança em civilizações que influenciaram a humanidade e a forma com que Jesus se relacionou com os pequeninos. Descreve que, assim como Deus revela em sua Palavra o padrão ideal para formação de um caráter dentro de delineações seguras, adequar-se ao norte proposto pelas Escrituras Sagradas a partir da ótica do amor nos relacionamentos é imprescindível. O capítulo realça que o juízo de Jesus reúne todos os conceitos humanos quando afirma: “Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele”.<sup>1</sup> (Mc 10. 14b-15).

Por fim, o terceiro capítulo ressalta o amor como “via integradora” eficaz para a construção de relações saudáveis e efetivas entre pais e filhos. Enfatiza a base para uma interação sólida e adequada e frisa três formas eficazes de se transmitir amor aos filhos. O capítulo ressalta o perdoar e o pedir perdão como princípio fundamental que nutre o relacionamento e destaca a disciplina como componente unificado ao amor; realça que o afeto é o singular contexto em que a vida pode cumprir seus desígnios e que deve ser o princípio predominador em todas as manifestações do existir, pois o amor, em seus aspectos, é transcendente.

---

<sup>1</sup> Todas as citações bíblicas deste trabalho foram extraídas de a BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. 1995. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

# 1 O DESENVOLVIMENTO HUMANO NO CICLO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA A FORMAÇÃO ADEQUADA DA CRIANÇA

Pode parecer extremismo, mas será grandemente proveitoso se os pais tiverem noções do desenvolvimento humano. Esse saber ajudará no relacionamento dos pais com os filhos. O conhecimento das características de cada fase do desenvolvimento das crianças facilita reconhecer a propensão do temperamento do ser, proporcionando melhor compreensão dos comportamentos, atitudes fundamentadas, dentro da realidade de capacidade de desenvolvimento dos filhos, principalmente, da criança. Nestas fases iniciais do desenvolvimento humano, o relacionamento sempre será mais efetivo.

Em seu livro *Estágios da Fé*, James Fowler destaca a fé num sentido vasto, principalmente na dimensão de confiança e aceitação de valores e princípios intrínsecos na grandeza familiar a que pertence.<sup>2</sup> Ele afirma que, no português, não temos uma configuração verbal para a palavra “fé” – “fé” no sentido amplo, e explicita que a mesma é um verbo; é uma maneira ativa de ser e comprometer-se, um meio de penetrarmos e calharmos as nossas experiências de vida.<sup>3</sup> Fowler enfatiza que, desde o nascimento, o ser humano é dotado de aptidões congênitas para a fé, e estas capacidades são ampliadas dependendo de como o bebê é recebido no mundo, bem como é a interação social no seu ambiente.<sup>4</sup> Realça que, na interação entre pais e filhos, se gera a ligação de confiança e fidelidade mútuas.<sup>5</sup>

Fowler menciona o relacionamento familiar no formato de uma tríade, na qual se relacionam o “eu”, os “outros” e o “centro compartilhado de valor da família”.<sup>6</sup> Realça que, nessa tríade, é fundamental a postura dos genitores para que a “fé” nasça dentro de fundamentos de confiança, coragem, esperança e amor. Frisa também que, com o tempo, a criança entra em contato com outras tríades e surge a probabilidade de alterações de posicionamentos e conceitos, principalmente, se a

---

<sup>2</sup> FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. A psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

<sup>3</sup> FOWLER, 1992, p. 25.

<sup>4</sup> FOWLER, 1992, p. 105.

<sup>5</sup> FOWLER, 1992, p. 25.

<sup>6</sup> FOWLER, 1992, p. 25-26.

“fé” implantada não está alicerçada em conceitos sólidos, mas em importâncias vulneráveis.<sup>7</sup>

James Fowler destaca ainda que os cernes de denodo e poder que têm valor divino para nós são aqueles que nos aferem sentido e dignidade, e promete nos sustentar em um ameaçador mundo de poder. Fowler notifica a insistência de Tillich de que a fé é o relacionamento com aquilo que nos toca incondicionalmente<sup>8</sup> e afirma: “À medida que o amor, a vinculação e a dependência ligam o recém-nascido à família, ele começa a formar uma disposição de confiança e lealdade compartilhadas ao (ou através do) etos da fé familiar”.<sup>9</sup>

Compreende-se que toda construção, para ser durável e segura, precisa de um alicerce bem fundamentado, caso contrário todo investimento ruirá. Numa linguagem figurada, Jesus certifica tal realidade, aborda a construção da existência humana; destaca sua Palavra como fundamental, ao afirmar que

Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras e não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7. 24-27).

Fowler ressalta a “fé” não somente no sentido religioso, mas no sentido genérico, que envolve a crença e os demais ângulos da vida, principalmente, no que tange ao acreditar, à segurança, à esperança e ao amor.<sup>10</sup> Notifica que essa caminhada inicia na vida humana quando bebê e, que, como nesse período da existência a criança é totalmente dependente, cabe, principalmente aos pais, a implantação da “fé”, desde a base inicial da vida dos filhos. Fowler destaca que somos dotados de potencial inato para acomodar-se a este novo mundo, porém o acionamento e a preparação de nossas aptidões adaptativas dependem tanto do avanço de nossa maturidade global quanto da forma com que as pessoas e a natureza de nosso meio nos recebem e nos fazem entrar em interação.<sup>11</sup> Fowler

---

<sup>7</sup> FOWLER, 1992, p. 26.

<sup>8</sup> TILLICH apud FOWLER, 1992, p. 27.

<sup>9</sup> FOWLER, 1992, p. 25.

<sup>10</sup> FOWLER, 1992, p. 30.

<sup>11</sup> FOWLER, 1992, p. 105.

notifica ainda que o cuidado na educação da criança é fundamental em todos os estágios da infância, a fim de que os filhos não venham a aderir a princípios inadequados nessa fase basilar do desenvolvimento humano, para que a crença, a perspectiva, o entusiasmo e o afeto no conceito de fé esboçado não venham a criar raízes de forma inconveniente:

A educação nesta idade – no lar, nas sinagogas e igrejas, em escolas maternas e jardins de infância – tem uma tremenda responsabilidade pela qualidade das imagens e estórias que proporcionamos como dons e guias para a fértil imaginação de nossas crianças.<sup>12</sup>

### **1.1 Responsabilidades necessárias desde a existência intrauterina**

Na Psicologia Evolutiva, Merval Rosa afirma que a formação pré-natal tem sido enfocada por três aspectos, a saber: da tese dos fatores hereditários, da interferência do meio durante a existência intrauterina e da implicação dos modos das pessoas que compõem o mundo expressivo da criança. Segundo o autor, “A vida do ser humano, a rigor, começa no momento em que as células germinais procedentes de seus pais se encontram. Aí está formado o novo ser”.<sup>13</sup>

De acordo com Wayne Weiten, o encargo de uma formação adequada dos filhos é dos pais. Essa responsabilidade é necessária desde a fecundação, pois posicionamentos impróprios por parte dos genitores podem originar problemas tanto no âmbito físico quanto na esfera emocional. Considerando tais fatores, é de fundamental importância observar a nutrição materna, a questão de drogas, álcool, tabagismo, etc., bem como a dimensão afetiva que envolve a gestante. De acordo com o autor, “Embora o feto se desenvolva no aconchego protetor do útero, eventos no ambiente externo podem afetá-lo indiretamente através da mãe, pois o organismo em desenvolvimento e sua mãe estão ligados pela placenta”.<sup>14</sup>

Weiten frisa que, após a fecundação, ocorrem as transformações que, de fato, refletem um progresso sistemático, previsível e gradual. Essa progressão

---

<sup>12</sup> FOWLER, 1992, p. 105-117.

<sup>13</sup> ROSA, Merval. *Psicologia Evolutiva*, V. II, Psicologia da Infância. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 40.

<sup>14</sup> WEITEN, Wayne. *Introdução à Psicologia: Temas e Variações*. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010. p. 304. (Edição concisa)

ocorre em várias etapas. A primeira acontece nos primeiros meses após o nascimento, sendo caracterizado de desenvolvimento motor. De acordo com Weiten, “O desenvolvimento motor refere-se à progressão da coordenação muscular necessária para as atividades físicas”.<sup>15</sup> Entende-se, nesse estágio, que a capacidade movedora básica, como o autor nomeia, inclui o agarrar, o alcançar coisas, a manipulação de objetos, sentar-se, engatinhar, andar, correr, e assim por diante.<sup>16</sup>

Nessa direção, Rosa aponta que, logo que nasce, a criança enfrenta um conjunto de processos do meio a que ele tem de ajustar-se para poder sobreviver. A primeira infância, do nascimento até mais ou menos dois anos de idade, é uma etapa de amplas e expressivas transformações na vida do ser humano. A pessoa deve atingir plausível grau de adequação para que seu desenvolvimento ocorra satisfatoriamente.<sup>17</sup>

Nesse conjunto de demandas, Rosa frisa o aprender a ingerir alimentos sólidos, o esforço do aprender a andar, o processo de aprender a falar, bem como aprender a diferença básica entre os sexos. A criança nota as diferenças anatômicas entre homem e mulher e é ensinada a se comportar de acordo com as perspectivas concernentes à sua anatomia. Além disso, nessa fase, a criança aprende a formar considerações, ainda que elementares, da realidade física e social, quando as coisas ao seu redor vão tomando formas definidas e recebendo nomes apropriados. A formação desses conceitos básicos faz com que a vida intelectual da criança se desenvolva e ela aprende a distinguir entre o certo e o errado, formando assim o embasamento de uma consciência moral<sup>18</sup>. “A primeira infância é uma fase de crucial importância para o desenvolvimento posterior do ser humano. Isto é verdade tanto do ponto de vista biológico como também e sobretudo do ponto de vista psicológico”.<sup>19</sup> Portanto, cabe aos pais uma participação apropriada para que esse desenvolvimento ocorra de forma a preencher as necessidades fundamentais a uma formação ‘ajustada’.

---

<sup>15</sup> WEITEN, 2010, p. 307.

<sup>16</sup> WEITEN, 2010, p. 307.

<sup>17</sup> ROSA, 1983, p. 45.

<sup>18</sup> ROSA, 1983, p. 46-47.

<sup>19</sup> ROSA, 1983, p. 47.

Percebe-se que o conhecimento dessas fases muito contribui para um relacionamento efetivo, principalmente, por parte dos pais que estão em contato mais constante com a criança, especialmente quando o acompanhamento é permeado de afetividade, promovendo tal atitude, segurança e disposição de novas tentativas ao bebê. Cabe ressaltar que, em um ambiente que não existe autoconfiança, a criança fica em desvantagem, pela ausência de apoio, para se desenvolver adequadamente.

Nessa direção, Weiten realça que a postura correta dos pais promove uma ligação eficiente que proporcionará um melhor desenvolvimento ao bebê. Essa junção é caracterizada pelos estudiosos como vínculo, e sua teoria o descreve de várias formas, dependendo do temperamento da criança e, principalmente, o temperamento da mãe, que, normalmente, convive mais tempo com o filho. Weiten descreve esse vínculo materno como “Ligações íntimas, emocionais ou afetivas que desenvolvem entre os bebês e quem cuida deles”.<sup>20</sup>

Segundo Félix López, uma das perspectivas determinantes do desenvolvimento durante os primeiros anos de vida é o desdobramento afetivo.<sup>21</sup> As crianças nascem com uma grande aptidão de aprender, pré-orientadas a procurar e a escolher estímulos sociais e necessidades de vínculos afetivos, principalmente, mediante sua relação com os pais, com quem estão em contato mais direto. “O apego e a amizade são os vínculos afetivos básicos, tendo o apego um papel fundamental nestes primeiros anos de vida”.<sup>22</sup>

Nessa direção, segundo Ross Campbell, um fator de grande influência é o temperamento; traços pessoais que cada pessoa possui desde o nascimento, os quais, em parte, determinam sua personalidade. O ambiente e as experiências, as diferentes situações com que a criança se depara cotidianamente, também podem

---

<sup>20</sup> WEITEN, 2010, p. 309.

<sup>21</sup> LÓPEZ, Félix. Desenvolvimento Social e da Personalidade. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-82.

<sup>22</sup> LÓPEZ, 1995, p. 88.

influenciar na formação do caráter, embora as índoles acham-se bastante enraizados na individualidade de uma pessoa.<sup>23</sup>

Campbell descreve uma comparação feita por Chess e Thomas levando em consideração as características das mães e dos filhos, destacando as implicações que o temperamento desempenha sobre as pessoas, como que uma pujança irreprimível que a leva, muitas vezes, a praticar o que não é viável, bem como não fazer o que é viável:

Crianças fáceis e Mães amorosas formam uma grande combinação. Essas crianças se desenvolvem bem, sem haver praticamente qualquer consequência negativa. Mãe amorosa com bebês difíceis tem alguns problemas, mas essas situações são em maioria positivas. De modo geral, no ambiente amoroso provido pelas mães, as crianças se desenvolvem bem. Crianças difíceis com mães não amorosas são as mais infelizes e geralmente terão problemas devido ao mau relacionamento. Crianças fáceis com mães não amorosas não se saem no geral tão bem. Suas experiências são de alguma forma mais negativa que positivas.<sup>24</sup>

Assim, compreende-se que os procedimentos dos pais, principalmente o maternal, parecem ter um alcance considerável sobre o tipo de ligação que brota entre o bebê e os pais, especialmente as mães. Sabedores dessa base imprescindível que o vínculo proporciona, o denodo para com a causa deve transcender as características temperamentais dos genitores, a fim de que a criança não tenha seu desenvolvimento prejudicado.

De acordo com Weiten, quanto à hipótese de Piaget na fase sensório-motora, na qual o bebê responde mais a estímulos, esse fator torna-se saudável quando o contato com os pais proporciona incitações que ajudam a criança a se soltar com espontaneidade, sem medo e com segurança, sendo assim, uma experiência positiva através do relacionamento adequado. Com essas características, os estímulos contribuirão em seu desenvolvimento. Weiten ressalta que “As crianças não estão “pensando” tanto quanto estão apenas respondendo a estímulos”.<sup>25</sup> Assim, um relacionamento ciente de tais fatores e permeado de afetividade será frutífero para uma formação ideal, com respostas destemidas do bebê.

---

<sup>23</sup> CAMPBELL, Ross. *Filhos Felizes*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991. p. 12.

<sup>24</sup> CAMPBELL, 1991, p. 14-15.

<sup>25</sup> WEITEN, 2010, p. 313.

James Dobson enfatiza que o relacionamento entre pais e filhos sempre apresentou adversidades. Com o passar do tempo, essa relação torna-se mais difícil. Na verdade, nunca foi fácil. As crianças são muito complicadas, e, além disso, a influência do meio em que vivem as afeta. Elas passam por mudanças de comportamento que entram em choque com gerações anteriores, dificultando o agir dos pais. Uma coisa é certa: não existe nada simples no que refere ao ser humano, e esta realidade envolve a todas as idades.<sup>26</sup>

## 1.2 Fatores que ajudam os pais

Conforme Bahia Bock, um fator benéfico desse desenvolvimento para o relacionamento é o respeito que a criança nutre pelos indivíduos que ela julga superiores. Os pais, cientes dessa característica nata dos filhos, podem trabalhar a formação da criança com mais segurança, pois esse fator pode ajudá-los a serem mais pacíficos, já que o risco de um possível desrespeito é mínimo.<sup>27</sup>

Bock ressalta que outro fator positivo decorre do fato de a criança agir muito por imitação. Nessa direção, a possibilidade de assimilar a forma afetuosa, espiritual, ética, moral e cuidadosa dos pais é grande. Para a autora, norteadas pela amabilidade dos que a cercam, e, principalmente, do pai e da mãe, a criança pode crescer relacionando-se de forma amável e ajustada. Ressalta que, com o passar do tempo, na faixa dos sete anos, se percebe transformações no aspecto afetivo da criança. Nas palavras da autora, “Os novos sentimentos morais, característicos deste período, são: o respeito mútuo, a honestidade, o companheirismo e a justiça, que considera a interação na ação”.<sup>28</sup>

Bock frisa ainda a necessidade de se agrupar e discutir suas opiniões. Nessa etapa, a criança é capaz de elaborar, originando o anseio de forma pujante de pertencer a um grupo de colegas e passando a escolher amigos para compartilhar seus conceitos. A menina e o menino já conseguem desenvolver noções de reciprocidade e a correlação dos pais nessa idade ajudará a mantê-los próximos, principalmente, se podem ser escolhidos para fazerem parte dessa

---

<sup>26</sup> DOBSON, James C. *Coragem Para os Pais*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990. p. 9-10.

<sup>27</sup> BOCK, Bahia Ana Mercês. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 103.

<sup>28</sup> BOCK, 1999, p. 103-105.

sociabilidade, sobretudo, se o testemunho se encaixa dentro do conceito moral que geralmente a criança faz nesse período, como a consideração mútua, a retidão, a camaradagem e a justiça.<sup>29</sup>

Já Maria Del Mar González e Maria Luisa Padilha frisam que, no processo de socialização da criança, a participação dos genitores é de fundamental importância. Nesse contexto, a criança aprende o que é considerado certo em seu círculo e o que julga incorreto.<sup>30</sup> As autoras realçam ser necessário conseguir um estado elevado de informação dos valores morais que conduzem sua sociedade e, por meio da interiorização dessas importâncias, o favorecimento do desenvolvimento das construções de controles reguladores do procedimento da criança. As autoras afirmam ainda que as conjecturas da aprendizagem social ponderam que o desenvolvimento da moralidade se concretiza mediante estruturas de subordinação e através da aprendizagem de regulamentos e valores. Idealiza-se moralidade como um aglomerado de costumes de conduta e aspectos mentais diretos dos valores e das regras morais. González e Padilha realçam ainda que, apesar desses saberes serem oriundos de instruções e subordinações diretas, principalmente através da mãe e do pai, esses padrões, em sua grande parte, são absorvidos pela criança por imitação das atitudes e conduta dos genitores.

A aprendizagem derivada da observação dos modelos adultos com frequência pode, até mesmo, neutralizar os efeitos do treinamento direto. Assim, se um pai castiga fisicamente seu filho por ter sido agressivo com seus colegas, está favorecendo a conduta de agressividade física que o filho posteriormente voltará a realizar.<sup>31</sup>

Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette destacam que o contexto familiar se organiza em uma espécie de moderação de relações interpessoais com processos interativos alterados, que estabelecem momentos para a exercitação e o desenvolvimento da competência social. Os pais exercem papel fundamental nesse processo, pois podem influenciar no repertório social adequado dos filhos.<sup>32</sup> O estabelecimento de normas através de orientações verbais, atitudes compatíveis

---

<sup>29</sup> BOCK, 1999, p. 105.

<sup>30</sup> GONZÁLEZ; PADILHA. Conhecimento Social e Desenvolvimento Moral nos Anos Pré-escolares. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 172.

<sup>31</sup> GONZÁLEZ; PADILHA, 1995, p. 172-173.

<sup>32</sup> DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 58.

com a instrução, o manuseio de consequências devido a interações adequadas e inadequadas cooperam de forma positiva no desenvolvimento da criança.<sup>33</sup> Os autores destacam que, quando a interação dos genitores com as crianças é mantida por princípios éticos e morais salutareos com subsídios e monitoramento competente, há grande perspectiva do alargamento de relações saudáveis nos diversos ângulos de seu mundo.<sup>34</sup> Realçam ser como um microsistema de interação lado a lado estável e expressiva, assinalado pela afetividade e pela alteração gradual nas relações de poder. Enfatiza que a família gera um princípio de denodos e normas e a adequação da criança aos seus moldes, em que os pais são primeiramente arquétipos para grande parte dos procedimentos sociais dos filhos.<sup>35</sup> Segundo os autores,

Nos primeiros anos de vida, a criança imita constantemente seus pais, copiando inclusive o padrão emocional deles. Quando os pais não possuem um repertório adequado de habilidades sociais, a convivência familiar pode ser fonte de infelicidade para todos os seus integrantes, gerando problemas de adaptação social nas crianças.<sup>36</sup>

Percebe-se que todos os pais almejam estar sempre próximos dos filhos e desejam ser inteirados de todos os acontecimentos. Porém, essa partilha e essa confiança da criança só poderão ocorrer se o relacionamento com os pais for harmonioso. Neste aspecto, o testemunho do pai e da mãe de afetividade, amabilidade e padrão de justiça adequado são imprescindíveis.

Conforme Bock, a influência da família e, principalmente, dos pais é determinante, pois é nessa dimensão de relacionamento que a criança recebe a primeira educação. Assim, a criança vai estruturando seu desenvolvimento norteado pela cultura, pela fé, pelo padrão moral e ético que a envolvem. Como já mencionado, a influência dos pais percebe-se também na forma dócil e cuidadosa de se relacionar com as coisas e os seres. Os filhos acabam aderindo praticamente atitudes semelhantes à dos pais. Nessa direção, Bock menciona a afirmação do francês Jacques Lacan, da obra *Os Complexos Familiares*: “a família desempenha um papel primordial na transmissão de cultura”.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 59.

<sup>34</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 61.

<sup>35</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 58.

<sup>36</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 59.

<sup>37</sup> LACAN apud BOCK, 1999, p. 250.

Bock esboça ainda que, dentro deste contexto, a criança descobre nos pais os moldes de como os adultos se comportam. Isso é importante, pois é a base da construção da sua vida, sendo as demais fases fundamentadas praticamente neste alicerce da primeira educação. De acordo com a autora, “a família reproduz, em seu interior, a cultura que a criança internalizará”.<sup>38</sup>

Aqui é importante resgatar que o conceito cristão norteado pelos princípios bíblicos também atenta para a responsabilidade e a postura adequada dos pais, numa ordem afetuosa em que a causa dos filhos esteja acima de qualquer outro interesse. Os filhos são considerados dádivas, legado de Deus, e não um embaraço. Nessa direção, um comentário na Bíblia de Estudo Pentecostal a esse respeito enfatiza que

É obrigação solene dos pais (*gr. pateres*) dar aos filhos a instrução e a disciplina condizente com a formação cristã. Os pais devem ser exemplos de vida e conduta cristãs, e se importar mais com a salvação dos filhos do que com seu emprego, profissão, trabalho na igreja ou posição social (cf. Sl 127.3). A essência da educação cristã dos filhos consiste nisto: o pai voltar-se para o coração do filho, a fim de levar o coração dos filhos ao coração do Salvador.<sup>39</sup>

Esse princípio de primazia para a formação cristã da criança, com os pais se voltando para os filhos como prioridade, pode ser aplicado não somente no que concerne à formação espiritual dos filhos, mas, também nos outros ângulos da vida.

Weiten realça o pensamento de Lawrence Kohlberg, que traz contribuições no âmbito moral do desenvolvimento do ser humano. Sua pesquisa aborda uma consciência moral na criança e o saber dessas características poderá ajudar principalmente na aplicação de limites, de acordo com a faixa etária da criança. Tal conhecimento favorecerá a aplicação adequada dos marcos. A teoria do raciocínio moral de Kohlberg é esboçada por estágios, nos quais a criança responde de forma diferente em cada um desses estágios.<sup>40</sup>

Weiten menciona que, segundo Kohlberg, no processo de desenvolvimento do ser humano, a criança está relacionada aos níveis pré-convencional e convencional, tendo esses dois graus juntos um total de quatro estágios. No nível

---

<sup>38</sup> BOCK, 1999. p. 250-252.

<sup>39</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2006, p. 1839.

<sup>40</sup> WEITEN, 2010, p. 318.

pré-convencional, dois estágios estão presentes e a criança raciocina em termos de autoridade externa. Nesse nível, os atos são inconvenientes porque são castigados e são corretos porque trazem resultados positivos. No nível convencional, há também dois estágios. Nesse nível, no primeiro estágio, a criança reflete em teor de aceitação e desaprovação das pessoas achegadas, no que concerne ao certo e ao errado.<sup>41</sup> No segundo estágio do nível convencional, o certo e o errado são definidos pelas normas da coletividade, que devem ser obedecidas rigidamente e compreendem ser obrigatórias para a conservação da ordem social. Nesse estágio, as crianças

Internalizam essas regras não para evitar punição, mas para ser virtuosas e ganhar aprovação dos outros. O pensamento moral nesse estágio é relativamente inflexível. As regras são vistas como diretrizes absolutas que devem ser aplicadas rigidamente.<sup>42</sup>

Percebe-se que é útil para os pais ter ciência dessas habilidades e percepções da criança, pois essas os ajudarão a relacionar-se com mais segurança, principalmente, na aplicabilidade das normas e dos limites. A compreensão de como a criança enxerga o mundo com suas leis facilita na missão de formação adequada dos filhos. Nota-se que a criança, desde sua existência intrauterina, se forma a partir da ligação que mantém com a mãe e, depois, com o pai e seus familiares mais próximos. Nesse período, os vínculos são de condicionamento total, cumprindo à família, principalmente, os pais, uma função de modelo para a criança, ajudando-a a agregar-se ao mundo. Conclui-se que é indispensável para um bom desenvolvimento estar diretamente arrolada de modo adequado com a família e, sobretudo, com os pais.

### 1.3 O desenvolvimento da personalidade

Segundo López, o recém-nascido é indefeso. Sua sobrevivência depende do auxílio da união social que o cerca, principalmente dos pais, e possui, ao mesmo tempo, grande capacidade de aprendizagem.<sup>43</sup> O autor realça que a criança, indefesa, porém, bem dotada para a aprendizagem e pré-orientada socialmente, tem ainda um conjunto de precisões que sozinha não pode resolver. Estas necessidades

---

<sup>41</sup> WEITEN, 2010, p. 318.

<sup>42</sup> WEITEN, 2010, p. 318.

<sup>43</sup> LÓPEZ, 1995, p. 81.

são originais, inerentes a sua própria natureza, pré-programadas e, por conseguinte, inevitáveis.

López frisa por tudo isso, se pode dizer que a criança, quando nasce, já é componente de um grupo social, já que suas necessidades fundamentais estão fatalmente vinculadas aos demais, estão pré-programadas para serem atendidas em sociedade.<sup>44</sup> Destaca que o procedimento de socialização é um intercâmbio entre a criança e seu ambiente. Esta interação e sua implicação dependem das particularidades da própria criança e da maneira de agir dos influentes sociais, principalmente, dos pais. Destaca que a socialização pressupõe a obtenção dos valores, das normas, dos costumes, dos conhecimentos e dos comportamentos que a sociedade comunica a ela e exige dela:

Se a criança vincula-se afetivamente a determinados adultos, se adquire o conhecimento do que a sociedade é e o que esta espera dela, e se tem um comportamento adequado a estas expectativas, está bem socializada. Esse processo inicia-se com o nascimento e, embora sujeito a mudanças, permanece ao longo de todo o ciclo vital. Cada período da vida exige aquisições sociais diferentes, segundo a idade e as funções que a pessoa tenha que desempenhar. Durante os primeiros anos de vida são especialmente importantes alguns processos afetivos (o apego), o início de determinados processos mentais (conhecimento social das pessoas e de si mesmo, aquisição da linguagem, etc.) e hábitos sociais (certo grau de controle de si mesmo, expressões de afeto aos familiares, etc.).<sup>45</sup>

Henry Brandt e Homer Dowdy frisam que a missão dos pais é uma tarefa em constante mudança. A criança não é a única que está se desenvolvendo. Os pais crescem juntos com os filhos. Para expressar seu conceito, os autores exemplificam o processo ao professor que ministrará pela primeira vez um determinado curso e que nunca se sabe se é eficaz até averiguar o aproveitamento dos alunos. Ministrar este mesmo curso é muito mais simples, bem como aprimorar o novo grupo.<sup>46</sup> Os elementos para desenvolver o trabalho já são conhecidos, novos recursos são adotados e até um novo lineamento didático é aderido. Segundo Brandt e Dowdy, o trabalho vai se tornando maior e mais complicado e assim também é na educação familiar, no relacionamento entre pais e filhos.

---

<sup>44</sup> LÓPEZ, 1995, p. 81-82.

<sup>45</sup> LÓPEZ, 1995, p. 84.

<sup>46</sup> BRANDT, Henry; DOWDY, Homer. *Edificando um lar cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987. p. 107.

Brandt e Dowdy destacam, portanto, que o mesmo processo ocorre com os pais. Lidar com o segundo filho será uma missão mais rotineira do que a experiência com o primeiro. Porém, haverá a complexidade de serem pais de filhos diferentes. A diferença de idade, de temperamentos exigirá posturas diferentes, aprendizagens diferentes e tarefas que colaboram para o desenvolvimento amplamente diferente uma das outras. “A paternidade requer que mães e pais cresçam juntamente com os filhos, que compreendam as fases e estudem cada filho e que orientem passo a passo o programa de desenvolvimento de cada um”.<sup>47</sup>

Compreende-se que o bom senso, o afeto e o entender a grandeza da causa precisam transcender as dificuldades que se encontram no processo educativo, pois, na responsabilidade dos pais, entre tantas magnitudes, está a formação e o desenvolvimento da personalidade dos filhos. Quanto à personalidade, os estudiosos do desenvolvimento do ser humano, apesar de algumas divergências, como menciona Weiten, por exemplo Freud e Erikson, afirmam que, acontecimentos, justamente nos primeiros anos da vida, deixam marcas permanentes na personalidade adulta.<sup>48</sup>

Na psicologia evolutiva, segundo Rosa, assim como no desenvolvimento físico, os rudimentos essenciais que estabelecerão os padrões característicos de conduta que se denomina personalidade têm início na primeira infância.<sup>49</sup> O autor afirma que a personalidade se refere aos padrões típicos de comportamento de um indivíduo, que permite prever suas reações em face a determinados estímulos ou condições internas ou externas, pressupondo um processo de desenvolvimento.<sup>50</sup> Na medida em que os impulsos do ambiente e a maturação do sistema nervoso central e dos demais órgãos sensoriais afetam o indivíduo, a personalidade principia no indivíduo uma estrutura psicológica cognominada “eu”, componente consciente da estrutura psíquica. Rosa realça que a função por excelência do eu é trabalhar com os fatos de maneira racional e eficaz. Afirma que, nessa demanda de desenvolvimento da personalidade, é necessário considerar as estruturas primárias e secundárias. Os mecanismos primários são universais, como alimentação, repouso, eliminação excretória e outras, e as construções secundárias são de

---

<sup>47</sup> BRANDT; DOWDY, 1987, p. 108.

<sup>48</sup> WEITEN, 2010, p. 310.

<sup>49</sup> ROSA, 1983.

<sup>50</sup> ROSA, 1983, p. 64.

caráter psicológico e se caracterizam de acordo com as diferenças individuais e culturais, contraídas através da aprendizagem social:

Pode-se afirmar que a personalidade humana começa quando as forças primárias e as secundárias de algum modo se comprometem. O desenvolvimento da personalidade, portanto, é um processo de socialização através do qual interagem os fatores biológicos e os fatores culturais. E, na primeira infância, encontramos os fundamentos desse processo evolutivo.<sup>51</sup>

Jesús Palácios e Victoria Hidalgo afirmam que a personalidade é empregada, às vezes, para aludir ao conjunto dos traços psicológicos de um indivíduo e que seu uso está unido excepcionalmente às feições concernentes à vida emocional e afetiva. Menciona a descrição de Wallon, que frisa que, dos três aos seis anos, tem lugar o personalismo no qual é construída a personalidade infantil. Nesta, surge o conflito originado da luta por posses de objetos e pela imposição de desejos, aflorando as oposições tidas como teimosia, tornando tenso o convívio com a criança. O conflito dessa fase leva a criança a tentar seduzir os demais, principalmente na faixa dos três a quatro anos, como exibição de suas 'gracinhas':

Trata-se agora de conquistar os demais, de conseguir seu afeto e aprovação. Para isto, a criança vai fazer uso frequente de suas habilidades e destrezas, repetindo especialmente aquelas que descobriu provocarem maior admiração. Trata-se do "período da graça".<sup>52</sup>

Weiten menciona a teoria de Sigmund Freud e a revisão de Erikson, destacando que, em Freud, a fundação básica da personalidade de um indivíduo está formada aos cinco anos. Aborda que, em 1963, Erik Erikson propôs uma extensa revisão da teoria de Freud que provou ser muito influente, e afirma que

Como Freud, Erikson concluiu que eventos na primeira infância deixam uma marca permanente na personalidade adulta. Porém, diferentemente de Freud, Erikson teorizou que a personalidade continua a se desenvolver durante toda a vida.<sup>53</sup>

Considerando as teorias de Freud e Erikson, a infância do indivíduo é de extrema significância, pois marcas dessa fase ficam enraizadas na vida do ser por

---

<sup>51</sup> ROSA, 1983, p. 65.

<sup>52</sup> PALÁCIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da Personalidade nos Anos Pré-escolares. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 178-181.

<sup>53</sup> WEITEN, 2010, p. 310-311.

toda a sua existência. Portanto, cabe, sobretudo aos pais, nortear o desenvolvimento dos filhos de forma que a constituição da personalidade, como afirma Freud, ou parte desta formação, como teoriza Erikson, seja a mais “ajustada” possível, a fim de que o indivíduo não tenha postura desequilibrada no futuro. Ao analisar o desenvolvimento humano mesmo nas diversas teorias, percebe-se a grandeza do contato da criança com os pais; toda a participação dos genitores é de fundamental importância na formação da base das emoções do ser, que influenciará no grau de ajuste ou desequilíbrio.

Em suma, este capítulo expôs que o ser humano, principalmente, a criança, necessita de cuidados especiais e afetividade desde o encontro das células germinais quando tem início a vida humana. Mostrou o desenvolvimento humano e a formação da personalidade que inicia na fase infantil da vida e as bases eficazes para a formação apropriada, como, também a necessidade dos pais terem conhecimento desses fatores, que os ajudam para um relacionamento eficiente com seus filhos e suas filhas.



## **2 CONCEITOS E PRINCÍPIOS BÍBLICOS QUE NORTEIAM A RELAÇÃO PAIS E FILHOS NOS ANOS FORMATIVOS DA CRIANÇA: ALGUNS APONTAMENTOS**

A Bíblia Sagrada indica em diversas passagens que é responsabilidade dos pais instruir e disciplinar os filhos harmoniosamente num ambiente, onde o amor, o temor e a fé em Deus sejam princípios norteadores para uma vida equilibrada, com a segurança da eternidade com Deus. A profundidade dessa formação consiste na ação dos pais de se voltar para o coração dos filhos, com o objetivo de submergir o coração dos filhos nas coisas de Deus. Nessa premissa, é fundamental a dedicação da vida aos filhos, com amor compassivo, amabilidade e paciência. Segundo o comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal,

Os filhos devem ser considerados dádivas de Deus, e requer dos pais uma criação sábia e cristã. Só quando os pais e seus filhos aceitam, ensinam e seguem os caminhos e mandamentos do Senhor é que desfrutarão a plena bênção de Deus (ver Sl 128).<sup>54</sup>

A história registra posicionamentos em civilizações passadas, que não consideravam a magnitude do amor, principalmente no relacionamento com os filhos. São fatos que, se analisados, podem despertar as civilizações contemporâneas a não incorrer no mesmo deslize.

### **2.1 O Relacionamento com a Criança entre Gregos, Romanos, Judeus e Jesus**

O que se pode colher dessa realidade é a consideração que as civilizações do passado dispensavam à criança nesse período de sua existência, principalmente, civilizações que influenciaram o viver da humanidade com sua cultura. Quanto à civilização greco-romana, Hans-Ruedi Weber afirma que “As crianças em si não tinham valor nenhum, e raras vezes alguém atentava para a sua personalidade. Os romanos apenas numeravam seus filhos e que os meninos, do terceiro ou quinto, não mais recebiam nomes”.<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2006, p. 911.

<sup>55</sup> WEBER, Hans Ruedi. *Jesus e as Crianças*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 10.

Weber destaca que, no mundo greco-romano, as crianças não eram valorizadas e consideradas como é necessário para uma formação adequada; apesar de que a procriação era acatada como necessária para continuidade da sociedade.<sup>56</sup> Às crianças não era dispensado nenhum valor, não se atentava para o fato de serem carentes de atenção especial e suporte afetivo apropriado para uma formação adequada. Os meninos saudáveis eram valorizados, pois, no futuro, seriam aproveitados como trabalhadores ou gladiadores.<sup>57</sup>

Segundo Weber, esse tratamento aponta com clareza à consideração inferior conferida às crianças, bem como à visibilidade de que eram descartáveis na definição exata da expressão. Nas palavras do autor, “Em Roma, o recém-nascido era deitado aos pés do pai. Se o pai não o levantava e reconhecia como filho, era abandonado. O verbo que, em latim, significa “levantar” (suscipere) passou a ser sinônimo para sobrevivência”.<sup>58</sup> Weber expressa que a realidade de vida dessas crianças abandonadas, quando não morriam, eram criadas para serem escravos. As meninas acabavam por enveredar-se na prostituição, e os meninos, quando adultos, eram encaminhados para o mundo dos gladiadores.<sup>59</sup> O autor registra o posicionamento do filósofo estoico Musônio, que, em seu conceito, exaltou a paternidade, bem como se posicionou contra a desvalorização de mulheres e crianças. Além disso, ressalta que a literatura de Ovídio exerceu maior influência, sua poesia exaltava os prazeres da vida e o amor livre, sendo o nascimento de um filho fato menos desejado.<sup>60</sup>

Esse registro deixa claro que, nessa civilização, não se valorizava a infância tal como hoje, bem como as prerrogativas necessárias quanto à formação da individualidade apropriada, assim como o investimento num desenvolvimento sadio, visando repercutir no futuro um ser que contribuísse para o bem da coletividade devido à influência do acompanhamento recebido na infância.

Em seu estudo, Weber realça ainda que a postura greco-romana se diferenciava da posição judaica. Menciona que o Antigo Testamento alude às

---

<sup>56</sup> WEBER, 1986, p. 10.

<sup>57</sup> WEBER, 1986, p. 11.

<sup>58</sup> WEBER, 1986, p. 11.

<sup>59</sup> WEBER, 1986, p. 11.

<sup>60</sup> WEBER, 1986, p. 11.

crianças como dádivas preciosas de Deus. Abandonar um desses pequeninos consistia em rejeitar bênçãos, sendo que a consideração desse mandamento, como a valorização das crianças, uma abertura para a bem-aventurança, conforme o Salmo 127.3-5: “Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre, o seu galardão. Como flechas na mão do valente, assim são os filhos da mocidade. Bem-aventurado o homem que enche deles a sua aljava...”.

Na cultura dos que têm na Bíblia Sagrada princípios que norteiam o relacionamento com os filhos, tê-los é um mandamento que implica em beatitudes. Esse princípio é mencionado pela primeira vez no livro de Gênesis 1.28. Weber notifica a postura dos Israelitas quanto a esse princípio:

As crianças pequenas, fossem meninos ou meninas, faziam parte do povo. Já com oito dias de vida os meninos eram circuncidados para evidenciar, desta maneira, sua participação na aliança (Gn 17. 12). E a partir da mais tenra idade as crianças participavam dos rituais religiosos familiares e das grandes celebrações da aliança.<sup>61</sup>

Weber frisa ainda, ao analisar o contexto greco-romano e judaico quanto às crianças, que Jesus e seu modo de agir não podem ser ignorados, pois é em sua doutrina que se encontra a base da Nova Aliança entre Deus e a humanidade. Há uma realidade fundamental neste contexto, pois Jesus viveu sob a influência da cultura greco-romana, como também trazia consigo a herança judaica do Antigo Testamento implícita em seu conceito de relacionamento. Além disso, outro fator é a natureza divina como Messias emanada em seu ser.

Verdade é que na época de Jesus o mundo greco-romano e judaico se interpenetrava e influenciavam mutuamente. Porém, Jesus não era como seu contemporâneo Filo, um filósofo judeu de Alexandria, que tentou conciliar estes dois mundos. Tampouco se pode compreendê-lo como simples representante do mundo rabínico-judaico. Nos seus atos e palavras transparecia algo profundamente judeu, mas ao mesmo tempo radicalmente novo. Isso ele o demonstrou também nas suas palavras e gestos quando deixou vir a si as crianças.<sup>62</sup>

Nesse “novo” que fluía no modo de agir de Jesus, percebe-se que as crianças não foram excluídas. Essa forma de atuar de Cristo pode estar fundamentada nas características regeneradoras e exemplares do Messias, Filho de Deus. A ação abençoadora de Jesus preenchia as prerrogativas do fator emocional da criança, que, para ser abastecida emocionalmente, precisa de que o amor a ela

---

<sup>61</sup> WEBER, 1986, p. 13-14.

<sup>62</sup> WEBER, 1986, p. 16.

dispensado abranja suas sensibilidades emocionais, como o contato físico, o contato visual e a atenção concentrada, como abordam alguns autores. Ao abençoar as crianças, essas características estavam implícitas na ação de Jesus, pois, para atraí-las, era necessário um olhar afetivo, para que o afeto tivesse uma receptividade profunda. O contato físico era fundamental e, para que a bênção fosse efetiva, a atenção era imprescindível. Todos esses predicados encontram-se na relação de Jesus com as crianças. Jesus as atraiu para si, contato visual amável que transmitia afeto, Jesus as tomou nos braços, contato físico, fator necessário ao transmitir amor a uma criança, e deu atenção, no ato de parar para atender de forma eficaz. O evangelista Marcos narra esse acontecimento no capítulo 10, versículo 16: “E, tomando-a nos seus braços e impondo-lhes as mãos, as abençoou”.

Weber foca a maneira como Jesus falou com as crianças e procurou contato físico com elas. Ele ultrapassou em muito todas as expectativas e, por isso, deve ter surpreendido tanto os discípulos como também aqueles que trouxeram as crianças. O autor realça que o amor de Deus asseverado às crianças, na forma de agir de Jesus, submerge os conceitos greco-romano e judaico. Afirma ainda que, quanto ao reino de Deus, Jesus afere às crianças uma posição de elevação quando a realidade humana é considerada do ponto de vista desse Reino.<sup>63</sup>

Percebe-se que Jesus aniquilou o conceito greco-romano e judaico quando afirma em Marcos 10.14b-15: “Deixai vir os pequeninos a mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus. Em verdade vos digo que qualquer que não receber o Reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele”. Diante disso, veremos agora alguns princípios presentes na Bíblia que norteiam a relação entre pais e filhos.

## **2.2 Lar, um fator importante**

A passagem de Gênesis 2.24 revela o princípio para a formação da família, isto é, desta instituição que o próprio ser humano conceituou como a base da sociedade: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne”.

---

<sup>63</sup> WEBER, 1986, p. 20.

O comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal esboça que, após a criação de todas as coisas, Deus mimoseou Adão e Eva com o matrimônio. O casamento, portanto, não foi uma conveniência, tampouco teria sido instituído por qualquer cultura. Ele foi estabelecido por Deus com enfoques fundamentais como o homem deixa seus pais e, em ação pública, promete-se a si mesmo à sua esposa; o homem e a mulher são ligados, admitindo responsabilidades pelo bem-estar e se amando antes das outras pessoas; ambos tornam-se um na familiaridade e no comprometimento de ajuntamento sexual que são designados para a união. Assim, a partir dessa passagem, é possível afirmar que núpcias adequadas contêm essas feições que proporcionam bases adequadas, as quais correspondem com a grandeza do lar, da família.<sup>64</sup> Sobre este princípio para a formação do lar, o comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal argumenta que

Desde o princípio Deus estabeleceu o casamento e a família que dele surge, como a primeira e a mais importante instituição humana na terra (ver 1. 28 nota). A prescrição divina para o casamento é um só homem e uma só mulher, os quais tornam-se “uma só carne” (i.e., unidos em corpo e alma).<sup>65</sup>

De acordo com Kurt Bruner e Steve Stroope, lar e família são expressões que denotam coisas agradáveis, permeadas de amor mútuo, compreensão, companheirismo e alegria.<sup>66</sup> São termos que refletem algo dócil, que traz aconchego, aspira confiança, ambiente de respeito e integridade, onde as palavras são acompanhadas de gestos amáveis, como beijos, abraços, afagos, sorrisos, piscadelas, enfim, todo que denota amor se consegue enxergar quando nosso olhar se depara com essas palavras. Há um conceito mais apurado do que esses vocábulos expressam: céu ou paraíso. Esses termos significam “Estado de prazer ou de grande felicidade, lugar aprazível de coisas deliciosas”.<sup>67</sup>

Bruner e Stroope realçam ainda que lar e família, em desígnio original, expressam essa magnitude. Porém, com a queda do ser humano, a influência do pecado pode macular essa grandeza de convívio. Dominado pelo pecado, o ser humano pode transformar esse lugar primordial da existência e de formação humana, de conjuntura de prazer ou de grande felicidade, de lugar aprazível de

---

<sup>64</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL. ed. 2004. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 8.

<sup>65</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2006. p. 36.

<sup>66</sup> BRUNER, Kurt; STROOP, Steve. *A fé começa em casa*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

<sup>67</sup> BRUNER, TROOP, 2011, p. 17.

coisas deliciosas, em lugar de desassossego e grande sofrimento. Segundo os autores, “Se VOCÊ JÁ FEZ PARTE de uma família amável e saudável, você já sentiu o doce aroma do paraíso. Se você já viveu em um lar problemático e dividido, você já sentiu o cheiro do inferno”.<sup>68</sup>

Segundo Gary R. Collins, um lar problemático causará efeitos danosos, especialmente sobre as crianças. Os filhos podem, às vezes, agir de forma idêntica aos pais, principalmente no relacionamento com os demais componentes do lar. Pode ocorrer irritação, oposição em relação aos genitores e aos demais membros da família.<sup>69</sup> Tal situação implica no convívio doméstico, pois as relações geralmente se tornam conflituosas e as crianças sempre sofrem as consequências mais prejudiciais, exatamente por terem menor poder de expressão e autonomia, pelo bloqueio da dimensão afetiva, tendo em vista a tensão que permeia o ambiente.

Collins notifica que, diferente dos pais, que têm autonomia de se expressarem verbalmente, as crianças normalmente apelam a outras maneiras de expressão: acessos de fúria, rebeldia, baixo desempenho, brigas, choro excessivo, indolência e outros comportamentos usados para chamar atenção.<sup>70</sup> Collins ressalta ainda que a ausência de tal procedimento não quer dizer que a criança não esteja vivendo um problema; ela pode ter medo de se expressar, talvez por ser sempre rechaçada. De acordo com o autor, “As sementes da inferioridade e da baixa autoestima estão plantadas, embora talvez só germinem muito mais tarde na vida”.<sup>71</sup>

Segundo Bruce Narramore, Deus delineou a organização familiar por causas extremamente essenciais. Um dos motivos para a instituição da família fundamenta-se na precisão de direção que as crianças possuem. Como a formação da personalidade do ser praticamente se define nos anos formativos, a conjuntura familiar adequada é fundamental. Segundo o autor, “A família não é um fenômeno sociológico de curta duração que preencheu um propósito temporário e não mais necessário. Pelo contrário, é fundamental a toda cultura”.<sup>72</sup>

---

<sup>68</sup> BRUNER, TROOP, 2011, p. 17.

<sup>69</sup> COLLINS, Gary R.. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 177.

<sup>70</sup> COLLINS, 2004, 182-183.

<sup>71</sup> COLLINS, 2004, p. 183.

<sup>72</sup> NARRAMORE, Bruce. *Socorro Temos Filhos!* São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p. 25.

### 2.3 A fé começa em casa

Conforme Brandt e Dowdy, o fator que caracteriza o cristão é a convicção sobre Deus, as Escrituras Sagradas, o ser humano, o universo e a vida; que tais convicções modelam suas perspectivas, sua individualidade, seus relacionamentos com os familiares e com outras pessoas.<sup>73</sup> Tais predicados estão no fundamento dos seus valores e da maneira pela qual essas legitimidades influenciam sua vida. Eles descrevem que o posicionamento que proporciona a paz de espírito, bem como a certeza de cumprimento da missão, principalmente como pais, consiste em transmitir a fé aos filhos, não somente de forma verbal, mas principalmente pelo testemunho. “Ensinar os filhos suas convicções espirituais e sua aplicação é o mais importante dever dos pais cristãos, e o mais distintivo”.<sup>74</sup>

Bruner frisa o lar do ser humano como a base primária do desenvolvimento e da formação dos filhos, cabendo aos pais a responsabilidade principal nesse processo. Notifica que a fé em Deus deve começar em casa, com os filhos refletindo a imagem dos pais; esse princípio norteia a vida do ser humano desde sua criação.<sup>75</sup> Enfoca Gênesis 1.27, quanto à criação do ser humano à imagem de Deus, ao afirmar que, “Em outras palavras, fomos feitos como ícones para refletir nosso Criador, assim como crianças lembram seus pais”. O autor realça ainda que o cristão tenta moldar seus atos na Palavra de Deus e, na medida em que se aperfeiçoa, vai se tornando parecido com Cristo. Como os filhos se espelham nos pais, a fé em Deus começa em casa, através do testemunho dos pais. Portanto, quando se deseja que os filhos sigam a Deus, é necessário que o Criador se torne hodierno na vivência diária dos pais, sendo indispensável instruir os filhos de forma aplicada a verem Deus em todos os âmbitos da vida.

Bruner frisa também que, à medida que os genitores crescem espiritualmente, aperfeiçoando-se no padrão de vida cristã e tornando-se mais íntimos de Deus, os filhos se moldam nas atitudes dos pais refletindo a imagem dos mesmos, como os pais espelham a imagem do Divino.<sup>76</sup> O ensinar as “verdades divinas” aos filhos não abarca simplesmente o determinar os filhos a irem ao templo,

---

<sup>73</sup> BRANDT; DOWDY, 1987, p. 19.

<sup>74</sup> BRANDT; DOWDY, 1987. p. 19.

<sup>75</sup> BRUNER, 2011, p. 36.

<sup>76</sup> BRUNER, 2011, p. 29-31.

implica que haja o ensino desses fatos no seio familiar. Deve-se instruir os filhos de maneira que os ensinamentos sejam compreendidos às suas inteligências, em desenvolvimento.

De acordo com Collins, os princípios que norteiam a criação dos filhos nos parâmetros cristãos estão fundamentados em grande parte no testemunho dos pais. O nível do relacionamento dos genitores com Deus influencia na percepção dos filhos através desse referencial de relacionamento, que é aderido, tanto com os pais quanto para com Deus.<sup>77</sup> O autor destaca que a habilidade dos pais em ouvir, obedecer, amar e ensinar torna-se característica determinante. O fato de as crianças agirem muito por imitação as influencia positivamente.

Collins salienta que os bons pais querem ouvir os preceitos de Deus, compreendê-los e tê-los guardado no coração, a ponto de tornar-se parte de seu próprio ser. Essa prática adequada origina-se da meditação das Escrituras Sagradas.<sup>78</sup> Referente ao obedecer, Collins acentua que o conhecimento não é o suficiente, que, além de ouvir, os pais precisam estar empenhados em cumprir os mandamentos de Deus. Afirma que, quando os pais não testemunham com tal atitude, os filhos podem mostrar a mesma inclinação tanto para com os genitores como para com Deus.<sup>79</sup> O autor ressalta que se deve amar a Deus e se entregar inteiramente a ele de todo o coração, de toda a alma e com todas as forças que se possui. A criança formará o conceito de amor mediante a experiência vivida com os pais, por meio da instrução e da ação que flui e contagia com as qualidades do modo de amar, não somente a Deus como às pessoas. “Os colegas e professores são importantes, mas o ensino e a educação mais importantes vêm de casa”.<sup>80</sup>

As Escrituras Sagradas registram inúmeros textos que focam o propósito de Deus para a orientação adequada dos filhos. No entanto, as instruções mencionadas no livro de Deuteronômio 6.5-8, referente à perícopes que relata Moisés orientando os pais israelitas, é uma das coletâneas de instruções mais amplas. Nessa compilação, vários princípios fundamentais estão implícitos:

---

<sup>77</sup> COLLINS, 2004, p. 177.

<sup>78</sup> COLLINS, 2004, p. 178.

<sup>79</sup> COLLINS, 2004, p. 178.

<sup>80</sup> COLLINS, 2004, p. 179.

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder. E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas fararás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

No perscruto da orientação de Deuteronômio, Bruner menciona o valor da crença em Deus diante dos pérfidos caminhos, a necessidade de uma direção advinda dos genitores que vivem em contato direto com os filhos, nos quais se tem a oportunidade de nortear as crianças com orientações verbais. De acordo com Bruner,

As Escrituras pedem, de forma clara, que mães e pais deem à próxima geração o embasamento para a vida, moldando e ensinando crenças e valores necessários para percorrer suas traiçoeiras estradas. As crianças precisam de uma bússola que aponte para o Norte. É nossa obrigação, como pais, fazer isso por elas, levando a sério o mandamento de deuteronômio 6.<sup>81</sup>

Já conforme Dobson, uma missão importante dos pais cristãos é conduzir os filhos a uma fé invariável em Cristo. Se a salvação dos filhos é de essencial valor, o preparo espiritual deve principiar antes que eles sequer entendam o que se aborda. Para que haja bem-aventurança, os pais precisam ter uma vida devota adequada, na qual o temor a Deus e a obediência a seus mandamentos estejam intrínsecos em todos seus atos.<sup>82</sup> A criança aprende com agilidade e não se olvida o que contemplaram e ouviram. Ainda que mais tarde abandonem a fé dos pais, o que dela restar conservar-se-á com elas até o fim de suas vidas (Pv 22.6). Enfatiza: “A fé ou a incredulidade deles será um reflexo da nossa própria. Nossos filhos acabarão fazendo suas próprias escolhas e determinando o rumo de suas vidas, mas essas decisões serão influenciadas pelos alicerces que nós assentamos”.<sup>83</sup> Dobson realça ainda que as referências espirituais não podem ficar restritas apenas às programações da comunidade religiosa, elas devem permear o diálogo e a contextura da existência da família.<sup>84</sup>

Nesses anos formativos, as crianças estão observando cada um dos movimentos e atitudes, querendo desvendar o que é que se considera mais respeitável. Se se deseja fundamentá-los na fé em Cristo, os filhos devem notar e

<sup>81</sup> BRUNER, 2011, p. 81.

<sup>82</sup> DOBSON, 1990, p. 83.

<sup>83</sup> DOBSON, 1990, p. 84.

<sup>84</sup> DOBSON, 1990, p. 84.

conhecer a profunda devoção dos pais a Deus. Compreende-se, portanto, que os pais jamais devem ficar neutros ou descuidar da educação espiritual dos filhos. O posicionamento dos genitores deve ser Cristocêntrico, a fé em Cristo deve permear o dia a dia da família.

Alusivo ao princípio expresso em Dt 6, o *Comentário Bíblico Beacon* salienta o coração como centro da religiosidade.<sup>85</sup> Porém, os pais devem ter o cuidado de não tornar tal crença estagnada, mas dinâmica:

O centro da religião está no coração. Mas não deve se limitar a isso. Tem de entrar em circulação nas atividades cotidianas da vida. A Palavra de Deus deve ser ensinada aos filhos, mencionada em casa e pelo caminho, o último item antes de dormir e o primeiro pela manhã.<sup>86</sup>

Percebe-se que Deus determinou que o seu povo registrasse as palavras da lei e estas deveriam estar visíveis. Esta era uma incumbência que deveria ser cumprida pelos Hebreus, assim como é o plano para o cristão, o qual, por todos os meios, deve familiarizar-se com a Palavra de Deus, para utilizá-la em todos os momentos, como precaução contra a iniquidade e a instrução para um viver com parâmetros morais adequados. O comentário da Bíblia de Estudo Pentecostal, concernente a Deuteronômio 6, argumenta que o ensino dos princípios divinos registrados nas Sagradas Escrituras deve ser prioritário e ter origem no lar, que o alvo da orientação é levar a criança a temer e amar a Deus dentro de um conceito teocêntrico:

O ensino da Palavra de Deus aos filhos deve ser uma tarefa altamente prioritária dos pais. O ensino das coisas de Deus deve partir do lar, e nisso, tanto o pai como a mãe devem participar. Cultuar a Deus no lar não é uma opção; pelo contrário, é um mandamento direto do Senhor (v. 7 – 9; Êx 20. 12; Lv 20. 9; Pv 1. 8; cf. 2 Tm 1. 15).

O propósito da instrução bíblica pelos pais é ensinar os filhos a temer ao Senhor, a andar em todos os seus caminhos, a amá-lo e ser-lhe grato e a servi-lo de todo coração e alma (10. 12; Ef 6. 4).

O Crente deve proporcionar sabiamente aos seus filhos uma educação teocêntrica, em que tudo se relacione com Deus e às suas coisas.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> LIVINGSTON, George Herbert et al. *Comentário Bíblico Beacon*. v. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 434.

<sup>86</sup> LIVINGSTON, 2006, p. 434.

<sup>87</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2006, p. 303.

O relato de Deuteronômio realça o princípio de amar a Deus, refletir constantemente sobre seus preceitos, ensiná-los aos filhos a viver cada dia em ajuste com as instruções divinas. Assim, o Senhor tornar-se-á presente nas experiências diárias, posicionamento que proporcionará aos filhos compartilhar de tais experiências com Deus, bem como tê-las.

Em suma, portanto, os conceitos e princípios bíblicos que norteiam a vida de fé da comunidade cristã reforçam a importância de uma educação familiar fundamentada no amor de Deus, por meio do zelo e do cuidado, da relação salutar e aberta entre pais e filhos. Os pais são os primeiros a servirem de parâmetros para as crianças. Nessa direção, pais precisam inteirar-se dos relevos e dos teores das Sagradas Escrituras, para ensinar a criança o caminho conveniente, que lhe garanta uma postura ética, moral, espiritual e cuidadosa apropriada. Os pais também precisam estar cientes da importância de refletirem a imagem de Deus, para que os filhos na característica de se moldarem nas atitudes dos pais reflitam também a imagem de Deus.



## INTERLÚDIO: A EXPERIÊNCIA DE SER PAI

*Todo relacionamento é caracterizado por posicionamentos; atitudes que deixam marcas, sinais que deixam saudades como lembranças agradáveis ou sequelas com feridas que roem como gangrenas. No relacionamento com meus filhos, Glauber e Hadassa, vivi duas situações que marcaram e influenciaram meus conceitos e a interação com outras crianças, e, em Igrejas em que apascentei, tive experiências que muito me ensinaram. No realce, a via integradora do amor por meio do afeto, do diálogo, do perdão e da disciplina; nesse permeio de capítulo, deixo registrado essas vivências que ficaram assinaladas.*

*No fundamento de expressar amor através de contato visual, percebi tal importância com Hadassa. Desde pequenina, a menina gostava de cantar nos cultos. Um dia percebi algo no comportamento dela enquanto cantava. Notei que o olhar dela estava focalizado em mim constantemente, como que aguardando algo. Foi quando percebi que ela almejava ser correspondida, parece que a garota queria ouvir enquanto cantava: parabéns, filhinha, você está cantando lindo; foi quando transmiti essa mensagem com os olhos; dei uma piscadela e um leve sorriso para ela, que respirou fundo e cantou com mais entusiasmo. Pude perceber a satisfação que a pequena sentiu naquele instante. Depois disso, sempre que cantava, Hadassa me olhava esperando o ato satisfatório. É lamentável que muitos pais utilizem este tipo de contato (contato visual) mais para repreender do que para transmitir amor, e, em muitos casos, somente para expressar insatisfação.*

*Tive o privilégio de trabalhar com crianças na igreja e confesso ter sido essa uma das experiências mais gratificantes de meu ministério. Na época, estava dirigindo a primeira congregação e, a princípio, fiquei assustado, pois, como pastor, teria que pregar para crianças, usar os meios adequados para envolvê-las! Mas pude ter vivências inexplicáveis, principalmente, concernentes à pureza e à sinceridade que a criança possui. Na programação do trabalho, os pais também foram envolvidos com seminário de relacionamento – Pais e Filhos, e foi aí que descobri conceitos absurdos sobre este relacionamento, no qual o sentimento da criança é ignorado. Numa das palestras sobre o assunto, um dos participantes*

argumentou, quando ministrava sobre a questão do sentimento da criança, que aprendera que, para com a garotada, não se pode dar moleza, sendo necessário tratá-las de forma rude, usando a expressão “com casca e tudo”, argumentou o participante.

Foi quando relatei um fato ocorrido comigo e minha esposa Ester. Estávamos numa festa de aniversário quando uma menina da igreja que eu apascentava se aproximou com dois pedaços de torta, um sobre o outro em dois guardanapos, ela os apertava de tal maneira que a torta vazava entre o papel e seus dedos. Sorridente ela disse: “pastor, um pedaço para o senhor e outro para sua esposa”. Com muita estupidez, olhando para a torta e suas mãozinhas toda lambuzadas, em frações de segundos, disse: “menina, vai com isso pra lá, que coisa nojenta!”. Após alguns minutos, minha esposa me alertou: “Amor! Acho que você magoou a menina, olha como ela está!”. Estava sentada em um banco de cabeça baixa e chorando.

Nessa altura do acontecido, todos me olhavam ressabiados, quando indaguei aos participantes: “E aí, devo pedir perdão à menina pela estupidez, ou ignorar a situação por ser adulto?”. Todos responderam num só coro: “pedir perdão”. E terminei o relato. Foi o que fiz imediatamente: acariciei seus cabelos, limpei seu rosto molhado de lágrimas e disse: “Fui muito grosso com você, me perdoe, prometo que da próxima vez, eu como um pedacinho da torta”. E incentivei-a a ir brincar com as outras crianças. Dentro de minutos, ela estava brincando com as demais meninas.

Em outro ocorrido, eu estava preparando o ensino bíblico para o culto à noite, quando um amiguinho de meu filho chegou correndo e disse: “pastor, seu filho está lá em cima da construção” (estávamos construindo o novo departamento da escola bíblica dominical). Eu saí para pátio e, bem calmo, temendo que o menino receoso se apressasse e caísse, disse: “desça daí, meu filho”. Quando já estava no chão, eu o chamei. Ele veio chorando na certeza de que ia receber repreensão, pois isso acontecia quando entendia ser necessário. Sentamo-nos, olhei bem nos olhos dele e disse: “Filho, não faça mais isso, é muito perigoso. Se cair, com certeza, você se machucará”. Ele disse: “eu morro, pai!”. Respondi: “dependendo da queda, sim”. “aí, vão me enterrar”, disse ele. “Se morrer, tem que se fazer isso”. O menino olhou

*para mim com os olhos cheios de lágrimas e disse: “Perdoa-me, papai, eu não faço mais isso”. Olhei para ele, dei um tapinha em sua perna, e disse: “tudo bem, vou confiar em você, pode ir brincar”. Foi nesse momento que aconteceu o que nunca mais esqueci: Glauber me abraçou, colocou o rosto no meu peito e chorou. Naquele momento, eu entendi que meu filho estava sentindo o gosto, a satisfação do perdão.*

*Entendo que esse tema é de fundamental importância, pois a responsabilidade de levar a criança a sentir essa sensação (o gosto do perdão) pertence aos pais. Dependendo da maneira como agimos, podemos dificultar a sensibilidade de sentir essa percepção agradável, que determina o bem-estar da pessoa. Conforme a maneira de agir com os filhos, bloqueia-se a sensibilidade de ela sentir a sensação do perdão, e isso trará consequências quando adulta, no relacionamento com outras pessoas e com Deus. Nunca me esqueci desses ocorridos. Nós, pais, temos as melhores oportunidades para instruir e para testemunhar aos filhos; não se pode perder as oportunidades que surgem. Levaremos e deixaremos marcas que serão lembradas de forma dolorosa ou de maneira graciosa.*



### **3 AMOR COMO VIA INTEGRADORA PARA A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES SAUDÁVEIS E EFETIVAS**

O amor é o singular contexto em que a vida pode cumprir seus desígnios, deve ser o princípio predominador em todas as manifestações do existir. O amor em seus aspectos é transcendente. Uma cabeça acessível com intelecto profundo não tem valor sem um coração afável e amoroso. Para que os desígnios sejam efetivos, há necessidade de que a base – o amor – seja incondicional, pois, dentro dessa característica, mesmo os filhos que apresentam dificuldades em assimilar as orientações, terão suporte apropriado na superação dos problemas. Como o relacionamento afetivo compreende os limites e as imperfeições, o capítulo realça o pedir perdão e perdoar, que são ingredientes indispensáveis na dimensão do amor. O capítulo também destaca a disciplina como elemento imprescindível, pois o ser bem disciplinado é cuidadoso e, ao ser possuidora dessa virtude, a criança será efetivamente venturosa.

#### **3.1 A Base**

Conforme Campbell, o fundamento de um relacionamento bem ajustado entre pais e filhos é o amor absoluto. Somente esse tipo de relacionamento será sólido e proporcionará à criança segurança de forma a alcançar seu pleno potencial. O verdadeiro amor é incondicional e deve permear todo vínculo amoroso.<sup>88</sup> Um texto que aborda as características do amor encontra-se em 1 Coríntios 13. 4-7:

O amor é muito paciente e bondoso, o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Portanto, um exemplo de amor incondicional está na atitude de Deus para com a humanidade, relatado pelo Apóstolo Paulo em Romanos 5.8: “Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”. O cerne do texto exprime o amor de Deus mesmo antes do indivíduo se

---

<sup>88</sup> CAMPBELL, 1991, p. 27.

voltar para Ele. Percebe-se que no ser alcançado pelo amor de Deus não está implícito o fato de a pessoa ser suficientemente boa, mas porque Deus ama.

Campbell ainda realça que amor incondicional é amar sem qualquer outra consideração; não importando a aparência, as qualidades e as deficiências. É amar mesmo que haja circunstâncias que gostaríamos que não existissem. Se os pais amarem seus filhos somente quando preencherem as exigências, os filhos nunca se sentirão verdadeiramente amados, pois nunca alguém conseguirá preencher vindicações de forma plena.<sup>89</sup> A insegurança causada pela dúvida de ser envolvida por um verdadeiro amor, afetará os sentimentos da criança. De acordo com Campbell, é um erro entender que as crianças não possuem sentimento:

É muito importante compreender que desde o nascimento as crianças são excepcionalmente sensíveis no terreno emocional. As primeiras impressões que a criança tem do mundo são obtidas através de seus sentimentos. Isto é ao mesmo tempo maravilhoso e amedrontador, quando pensamos na importância do fato. As emoções da criança determinam como ela vê o seu mundo – seus pais, seu lar, ela mesma.<sup>90</sup>

Percebe-se que, assim como se precisa se alimentar para resistir fisicamente aos embates do dia a dia, precisa-se estar emocionalmente abastecido para ter equilíbrio psicológico eficiente. A criança não foge à situação, pois ela também enfrenta situações adversas em seu mundo e necessita estar provida de ambos os lados para superar as situações que surgem de forma a fortalecer sua autoestima e ter um amadurecimento ajustado que lhe proporcionará condições favoráveis na idade adulta. Nessa direção, é possível que os pais que não compreendem isso terão filhos com problemas sentimentais.

### **3.2 Três Formas Eficazes de se Transmitir Amor aos Filhos**

Para que haja bons resultados no relacionamento com a criança, é necessário considerar e explorar os lados propícios da criança. Tendo conhecimento desta realidade, os pais devem atentar para esse sentido na transmissão do amor, assim, os filhos compreenderão e se sentirão amados.

---

<sup>89</sup> CAMPBELL, 1991, p. 26.

<sup>90</sup> CAMPBELL, 1991, p. 27.

Segundo Campbell, há três formas eficientes de se transmitir amor aos filhos, que podem ser aplicados todos os dias. É somente estar próximo deles e a oportunidade surgirá: contato visual, contato físico e atenção concentrada.<sup>91</sup> O autor ressalta que o contato visual é a comunicação olho a olho. Este tipo de relacionamento torna-se muito eficiente, principalmente, quando é usado para transmitir afeto, o qual, geralmente, vem acompanhado de gestos agradáveis como sorrisos, piscadas, caretas etc. Este procedimento abastece o reservatório emocional da criança de forma agradável e satisfatória. O autor afirma que

O contato olho a olho não é apenas importante para a boa comunicação com a criança, mas também para o suprimento satisfatório de suas necessidades emocionais. A criança faz uso do contato visual (e outros) a fim de nutrir-se emocionalmente. Quanto mais os pais olham o filho nos olhos a fim de expressar seu amor, tanto mais nutrem a criança com amor e tanto mais enchem o seu tanque emocional.<sup>92</sup>

Campbell enfatiza que a criança tem uma carência muito grande de ser tocada. Dependendo da idade, não consegue entender a maioria das expressões usadas pelos adultos; mas, se acompanhada de um toque agradável ela captará facilmente o afeto transmitido.<sup>93</sup> O cuidado a ser tomado é de não exagerar nos contatos, ou nas formas em que a criança não se sinta bem. O autor ressalta que, grande quantidade de pais, só tem este tipo de relação quando necessário, e muitas vezes, essas ajudas são acompanhadas de palavras e expressões que humilha a criança.

AO QUE PARECE, a maneira mais óbvia de transmitir nosso amor a uma criança é pelo contato físico. Os estudos mostram, de modo surpreendente, que a maioria dos pais só toca seus filhos quando a necessidade exige, ou seja, para ajuda-los a vestir-se, despir-se, ou entrar no carro. Por outro lado, poucos pais se aproveitam deste método agradável, simples, de oferecer aos filhos o amor incondicional de que eles necessitam tão desesperadamente.<sup>94</sup>

Campbell indica que, dependendo do sexo e da idade, este contato varia. Um menino pequeno se sentirá bem com abraços e beijos, mas, quando maior, se sentirá melhor com “tapinhas”, cutucões, lutas, empurrões, afagos no cabelo; principalmente se o relacionamento vier de uma pessoa do mesmo sexo. As

---

<sup>91</sup> CAMPBELL, 1991, p. 31-59.

<sup>92</sup> CAMPBELL, 1991, p. 33.

<sup>93</sup> CAMPBELL, 1991, p. 41.

<sup>94</sup> CAMPBELL, 1991, p. 41.

meninas já se sentem melhor com afagos mais delicados.<sup>95</sup> Tanto o contato visual quanto o contato físico devem ser aderidos no relacionamento diário com os filhos. O cuidado que se deve ter é de não ser exagerado. De acordo com Campbell, a outra forma mencionada é a mais difícil de ser aplicada, pois exige tempo, principalmente nos dias atuais, quando a correria invadiu o viver de praticamente toda a família. Nas palavras do autor,

O que é atenção concentrada? É dar à criança nossa atenção completa, não-dividida, de maneira que sinta, com toda certeza, que é completamente amada. Que ela é suficientemente valiosa, por si mesma, para receber o cuidado, apreciação e afeto firme dos pais. Em suma, a atenção concentrada faz com que a criança sinta que é a pessoa mais importante no mundo aos olhos dos pais.<sup>96</sup>

Campbell destaca também que, na atenção concentrada, se dá à criança atenção cabal. É parar, ouvi-la, considerar importante sua opinião e, principalmente, a valorização de seus trabalhos, maus e bons resultados adquiridos; principalmente, quando os pais param para conferir, comentar, admirar e elogiá-las.<sup>97</sup> Esse tempo, que a maioria não gasta com os filhos, é de valor incalculável para a criança, pois a torna útil dentro do meio em que vive. O autor destaca ainda que, muitos não compreendem isso e tentam substituir essa necessidade da criança com dinheiro, com presentes etc., coisas que não preenchem a exultação de ter os pais ao lado, reconhecendo, elogiando, valorizando e os tornando úteis. Somente a atenção concentrada pode satisfazer esse lado emocional da criança.<sup>98</sup>

Um dos fatores fundamentais na atenção latente é a conversação. Conforme Larry Keefauver, o diálogo faz parte de um relacionamento efetivo e envolve principalmente o escutar. Ouvir e saber ouvir fazem parte de uma boa conversação. Palestrar escutando transmite calor, atenção, interesse, amor e empatia. Realça que, por vezes, os pais falam o que querem e não escutam, não compartilhando a situação com os filhos, sendo a conversa um monólogo e não um diálogo. Keefauver afirma ainda que, quando falamos, é necessário expressar a verdade às crianças, a verdade de Deus, a verdade de si mesmo, a verdade do mundo ao redor delas e a

---

<sup>95</sup> CAMPBELL, 1991, p. 43.

<sup>96</sup> CAMPBELL, 1991, p. 50.

<sup>97</sup> CAMPBELL, 1991, 50-51.

<sup>98</sup> CAMPBELL, 1991, p. 51.

verdade da realidade.<sup>99</sup> Os pais precisam confiar nos filhos e ser consistentes, para que aprendam a confiar confiando, pois são os primeiros professores dos filhos.<sup>100</sup>

Lembre-se de que o objetivo de uma conversa com seu filho é compartilhar, não “bater e correr”. Estamos frequentemente tão ocupados, estressados que desejamos um monólogo com a mesma pressa com que saímos pela porta, dirigimos pelas ruas ou conversamos ao telefone. Nosso interesse é lhes dizer o que queremos, ao invés de escutarmos, compartilharmos e realmente compreendermos.<sup>101</sup>

De acordo com Keefauver, os filhos precisam saber que os pais estão com eles, não do lado contrário. Precisam saber que não há inimigo e que estão juntos como família. O relacionamento com os filhos é mais importante do que estar com a razão, e o diálogo prioriza essa verdade. Quando se equivoca, tem-se a oportunidade de ensinar a reconhecer posicionamentos incorretos e a pedir perdão. Esse posicionamento faz parte da dimensão da verdade e do diálogo adequado. Quando o relacionar é regido apenas por monólogo, dificilmente afloram essas oportunidades de ensino aprendizagem, porquanto não se dá espaço para ouvir a outra pessoa. Quando se extingue o diálogo e se fortalece o monólogo, perdem-se oportunidades de ensinar princípios imprescindíveis.<sup>102</sup>

Jesus era conhecedor dessas necessidades, como indicam os poucos textos em que o evangelho relata contatos com crianças. Percebe-se uma atenção especial com os pequeninos. Em Marcos 10.13-16, vemos Jesus repreendendo os adultos por tentarem impedir que as crianças se achegassem perto dele, tomando-as nos braços, impondo-lhes as mãos e abençoando-as. Ele sabia que a criança precisa de relacionamento que envolve esses cuidados.

Conforme já afirmando anteriormente, nota-se que, neste encontro com crianças, Jesus usou os contatos necessários num bom relacionamento tal como indicado por Campbell: Jesus parou (atenção concentrada), com certeza, as olhou de forma agradável, pois elas se aproximaram dEle (contato visual) e a tomou nos braços e, impondo-lhes as mãos, abençoou-as (contato físico). Esses três contatos são a forma eficaz de abastecer emocionalmente a criança e habilitá-la a manifestar o seu melhor. O Comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal enfatiza: “Para

---

<sup>99</sup> KEEFAUVER, Larry. *Verdades para ser bons pais*. Belo Horizonte: Atos, 2004. p. 14-18.

<sup>100</sup> KEEFAUVER, 2004, p. 14.

<sup>101</sup> KEEFAUVER, 2004, p. 18.

<sup>102</sup> KEEFAUVER, 2004, p. 14-15.

que se sintam seguras, tudo o que as crianças necessitam é de um olhar carinhoso e o afago gentil de alguém que as ame e cuide delas”.<sup>103</sup>

Conforme Campbell, há indagações que os pais devem sempre fazer: Quais as prioridades da minha vida? A quem dispenso um contato visual agradável? Quem é merecedor de meus toques afetivos? Pra quem dedico um bom tempo sempre acompanhado de elogios e considerações? O autor realça ainda que essas ações de alto valor emocional não podem ser aplicadas somente nos relacionamentos da vida profissional, religiosa e social. Os filhos devem ser os primeiros a desfrutar dessa valorização importantíssima para terem uma vida de sucesso em todos os sentidos.<sup>104</sup>

Na dimensão da Psicologia das habilidades sociais na infância, dentro do conjunto da qualidade de vida e efeitos positivos da competência social, Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette Almir destacam que a felicidade da criança, na maioria das vezes, é vista na expectativa da ausência de dificuldades, dentro da perspectiva de que bens materiais, comodidade e lazer sejam bases fundamentais.<sup>105</sup> Os autores realçam que, apesar de tais fatores serem importantes, não se pode ignorar que a felicidade da criança pode ser alargada com o melhoramento dos relacionamentos em diferentes contextos. “Mesmo quando enfrenta os problemas inerentes às situações de vida, a criança pode se sentir mais feliz se usufruir interações prazerosas onde se sinta compreendida e amada”.<sup>106</sup>

### **3.3 Perdoar e Pedir Perdão**

Abordando os ensinamentos de Jesus ao focar o perdão; o Comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal, sobre o texto de Mateus capítulo 6, versículos 14-15, realça que Jesus nos dá uma surpreendente observação sobre o perdão: se rejeitarmos perdoar aos outros, Deus também se recusará a perdoar-nos. Por quê? Porque, quando não perdoamos aos outros, negamos nossa situação de pecadores que carecem do perdão de Deus. O Comentário enfatiza que o perdão dos pecados, outorgado por Deus quando nós, enquanto cristãos, aceitamos Jesus como Salvador

---

<sup>103</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL, 2003, p. 1314.

<sup>104</sup> CAMPBELL, 1991, p. 52.

<sup>105</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p.16.

<sup>106</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 16.

e Senhor, não é resultado direto de perdoarmos uns aos outros, e sim do sacrifício de Cristo por nós, como relata Paulo em sua carta aos Efésios capítulo 4, versículo 32. Porém, ao compreendermos o significado da compaixão de Deus para conosco, devemos colocá-la em prática em relação a nosso próximo e frisa: “É fácil pedir perdão a Deus, mas é difícil concedê-lo aos outros. Sempre que pedirmos que Deus perdoe os nossos pecados, devemos perguntar a nós mesmos: Será que eu tenho perdoado aqueles que me têm magoado?”<sup>107</sup>

Este contexto é bastante complicado, pois, quando se refere ao perdão, prefere-se antes meditar sobre a ação de Deus em favor da humanidade. Entretanto, quando o ato requer uma postura da parte do ser humano, as dificuldades se apresentam e buscam-se razões de todos os lados; sempre em busca da inocência; alegando que os outros é que erraram e precisam ser humildes e se humilhar. Quando se refere à criança, a situação torna-se mais delicada, pois, é comum esquecer que a criança também tem sentimentos e que os adultos também as ferem.

A respeito do perdão, Keefauver expressa que “O perdão não é uma opção; é um dever. Jesus nos manda perdoar, dizendo que, se não perdoarmos, nosso Pai celestial não nos perdoará (Mt 6). O perdão traz cura e restauração para a vida de um filho”.<sup>108</sup> O Comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal expressa sobre o perdão mencionado no Salmo 103.12, focando o princípio divino que envolve a remissão:

O Oriente e o Ocidente nunca podem encontrar-se. Este é um retrato simbólico do perdão de Deus. Ao perdoar-nos, Ele nos separa de nossos pecados e não se lembra mais deles. Para Deus, pecado perdoado é pecado esquecido. Devemos seguir o modelo de seu perdão. Ao perdoarmos alguém, devemos esquecer o mal que a pessoa nos causou.<sup>109</sup>

Campbell, por sua vez, ressalta que se deve perdoar os filhos quando eles se mostrarem sinceramente arrependidos, tristes e cheios de culpas por terem agido mal. Afirma que essas oportunidades, embora não sejam frequentes, são valiosíssimas e permitem que eles saibam, sem quaisquer dúvidas, de que são

---

<sup>107</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL, 2003, p. 1228.

<sup>108</sup> KEEFAUVER, 2004, p. 79.

<sup>109</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL, 2003, p. 804.

compreendidos e que há preocupação verdadeira com eles, que, a despeito de tudo que lhes possa acontecer, eles são amados.<sup>110</sup>

Compreende-se que jamais Deus lançará em rosto o pecado perdoado e que se deve seguir este modelo de perdão: jamais lançar na face (no caso) dos filhos as transgressões perdoadas. Conclui-se que perdoar significa seguir adiante e esquecer as atitudes que não corresponderam às expectativas, que nos ofenderam.

### 3.4 Disciplina

Há ainda uma questão latente quando se pensa sobre a educação familiar das crianças: a disciplina. Conforme Narramore, a falta de atenção influencia no comportamento da criança na busca de preencher essa carência afetiva. A prioridade a outros fatores que envolvem os pais pode implicar num desajuste na formação da criança, devido à falta desse elemento imprescindível em seu relacionamento com os genitores:

Esta busca por um sentimento de amor e atenção é provavelmente a explicação mais importante para o comportamento de seu filho. Quando ações positivas deixam de satisfazer suas necessidades, as crianças apelam para o mau comportamento.<sup>111</sup>

Assim, a necessidade de compreender o significado de disciplina é fundamental; caso contrário, erros poderão ser cometidos. De acordo com a maioria dos autores que se radicam nessa área, *disciplinar é ensinar à criança o caminho que deve seguir* (Pv. 22.6).

Conforme Campbell, a criança só responderá de forma positiva, se ela se sentir verdadeiramente amada, caso contrário a reação será negativa, aflorando um ressentimento gigantesco que dificultará ainda mais seu relacionamento com os pais. Caso a criança esteja abastecida afetivamente, terá facilidade de compreender que errou e reconhecer que, na verdade, os pais têm razão de estarem chateados e que o ralho foi necessário.<sup>112</sup> Esta reação positiva provavelmente aumentará o elo afetivo da criança com os pais; principalmente, se a idade já lhe proporciona

---

<sup>110</sup> CAMPBELL, 1991, p. 90.

<sup>111</sup> NARRAMORE, 1994, p. 15.

<sup>112</sup> CAMPBELL, 1991, p. 70-71.

entendimento das coisas. Assim, antes de admoestar, é necessário averiguar se a criança esta abastecida emocionalmente. Nas palavras de Campbell, “A disciplina fica imensamente mais fácil quando a criança sente-se genuinamente amada. Isto se deve ao desejo dela de identificar-se com os pais e só pode fazer isso quando sabe que é realmente amada e aceita”.<sup>113</sup>

Segundo Palácios e Hidalgo, a importância da aceitação e a qualidade do tratamento dispensado à criança tornam-se fator determinante para a autoestima.<sup>114</sup> Os autores aludem que um fator significativo na vida da criança são os pais, pois suas atitudes, suas práticas de criação e educação são aspectos determinantes do desenvolvimento da autoestima. Mencionam Maccoby quanto às características dos pais, enfatizando que são genitores afetuosos os que aceitam os filhos por completo, demonstrando-lhes constantemente sua estima, mostrando interesses pelas razões dos filhos, bem como se importam com suas dificuldades.<sup>115</sup> Realçam que tais posicionamentos são causadores de uma autoestima adequada, pois a criança é tratada com ternura e consideração. Tal percepção facilitará a formação de uma ideia de si mesma como uma pessoa de estima.<sup>116</sup> Aludem à necessidade de firmeza dos pais, frisando que a mesma consiste em impor exigências, embora com flexibilidade de acordo com o nível de competência da criança, ressaltando que tal posicionamento ajuda no desenvolvimento de controles internos, na medida em que apresentam à criança balizas nítidas do que podem e do que não podem fazer. Atitudes dessa natureza facilitam o autocontrole, o ajuste às demandas e conduzem a autoestima positiva.<sup>117</sup>

Palácios e Hidalgo destacam ainda a disciplina flexível e razoável como necessária; aludem que expressões do tipo “faça o que quiser, desde que não me incomode” podem refletir para a criança como indiferença ou desinteresse. Deixam evidente que não se está postulando disciplina austera e arrogante que leva a confirmações que costumam ir contra a autoestima.<sup>118</sup> Enfatizam a disciplina firme,

---

<sup>113</sup> CAMPBELL, 1991, p. 71.

<sup>114</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 184-185.

<sup>115</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 185.

<sup>116</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 185.

<sup>117</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 185-186.

<sup>118</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 186.

mas adequada às conjunturas e às possibilidades da criança, uma disciplina dentro de um contexto de afeição e de reivindicação combinadas na melhor proporção:

Costumam ser pais democráticos, pois estimulam a criança a expressar suas opiniões que, com frequência, soa aceitas e levadas em consideração. Respeitam a criança como é e servem-se mais da razão que de seu status de pais para convencê-las. Os pais podem ser ao mesmo tempo firmes e democráticos, e este padrão, mais que os rígidos e autoritários, é o que tem demonstrado estar relacionado a uma alta autoestima nas crianças.<sup>119</sup>

Segundo Zilda A. P. Del Prette e Almir Del Prette, aptidões sociais aplicam-se ao conjunto de condutas sociais do repertório de uma pessoa que colaboram para a envergadura social, beneficiando um relacionamento proveitoso, seguro e produtivo com as demais pessoas.<sup>120</sup> Os autores argumentam que uma baixa autoestima pode afetar o desenvolvimento da criança, originando retraimentos como evitar contato visual, gestos pouco vigorosos e dificuldades de expressão. Esse arquétipo cria bases para, no futuro, diante de implicações de aborrecimento, recorrer à fuga ou a uma esquiva da situação. Os autores realça a necessidade de a criança desenvolver uma autoestima adequada, para que a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demanda culturais não sofra bloqueios, prejudicando o desenvolvimento apropriado da criança. Afirma que uma autoestima elevada contribui para um padrão eficiente que gera consequências reforçadoras, fortalecendo ainda mais a autoestima.<sup>121</sup>

Os pais necessitam de bastante inteligência espiritual para não provocar nos filhos ações próprias do temperamento humano, desprovida de autocontrole adequado. O apóstolo Paulo, em Efésios 6.4, orienta os pais cristãos: “E, vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor”.

Matthew Henry, por sua vez, salienta que os pais não devem ser indóceis, nem ter atitudes mordazes e irracionais; frisa que, nesse tratamento, deve haver cuidado e sabedoria, convencendo-os em suas ponderações e trabalhando na causa deles. Criando-os bem, sob correção apropriada e compassiva, no conhecimento do dever que Deus exige.<sup>122</sup> Nas palavras do autor, “Aqueles que têm como principal

---

<sup>119</sup> PALÁCIOS; HIDALGO, 1995, p. 186.

<sup>120</sup> DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 32 .

<sup>121</sup> DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2005, p. 31-33.

<sup>122</sup> HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 998.

afã que os seus filhos sejam ricos e realizados, sem se importar com o que aconteça com as suas almas, não devem esperar pela bênção de Deus”.<sup>123</sup> O Comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal, quanto ao posicionamento dos pais na dimensão da disciplina, argumenta que

O propósito da disciplina aplicada pelos pais é auxiliar no crescimento de seus filhos, e não exasperá-los ou provocar-lhes a ira, ou até mesmo desencorajá-los (ver também Cl 3. 21). Não é fácil ser um bom pai ou uma boa mãe – é necessário muita paciência para criar filhos em um lar amoroso que honre a Cristo. Mas a frustração e a ira não devem ser motivo de disciplina. Antes, os pais devem ser constantemente amorosos, tratando seus filhos do mesmo modo que o Senhor Jesus trata o povo que Ele ama. Essa é uma atitude vital para o desenvolvimento das crianças, bem como para a sua compreensão a respeito de Cristo.<sup>124</sup>

Keefauver ressalta que um relacionamento sem regras resulta em caos. De acordo com o autor, a chave para o futuro sucesso é um relacionamento positivo e saudável, que possua limites. Quanto ao provocar a ira dos filhos, enfatiza: “Um pai provoca a ira e a rebelião quando as regras são arbitrárias, inconsistentes, sem referência à verdade de Deus e impostas pela força ao invés do amor”.<sup>125</sup>

Segundo Campbell, existem vários pretextos para os pais incorrerem na armadilha do castigo, porque, de certa forma, eles passam a conjecturar que seu maior encargo na disciplina é castigar.<sup>126</sup> Afirma que uma das causas que faz os pais caírem neste artifício é, por um lado, o fato de certos livros, artigos, seminários, programas na mídia e sermões defenderem o castigo corporal — algo abolido pela lei brasileira e combatido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e contrário à ação do próprio Jesus em Mc 10, conforme visto anteriormente — enquanto que, por outro lado, os pais apenas tratam de leve ou ignoram todas as demais precisões da criança, principalmente, o amor.<sup>127</sup>

Campbell realça ainda que poucos favorecem a criança e suas necessidades, que um índice excessivo de pessoas está hoje autoritariamente exorando que as crianças sejam castigadas, chamando isso de disciplina, e aconselhando as formas bárbaras e extremas de tratamento humano.<sup>128</sup> Destaca

<sup>123</sup> HENRY, 2002, p. 998.

<sup>124</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL, 2003, p. 1655.

<sup>125</sup> KEEFAUVER, 2004, p. 23.

<sup>126</sup> CAMPBELL, 1991, p. 75.

<sup>127</sup> CAMPBELL, 1991, p. 75.

<sup>128</sup> CAMPBELL, 1991, p. 75.

que o que mais deixa perplexo é o fato de muito desses defensores chamarem esse enfoque (o castigo disciplinar) de bíblico. De acordo com Campbell, esses defensores baseiam-se em três versículos do livro de Provérbios (Pv 23. 13; 29. 15; 13. 24) para explicar o castigo físico, deixando de aludir centenas de versículos das Escrituras que falam de amor, compaixão, sensibilidade, compreensão, perdão, apoio, orientação, bondade, afeição, dádiva, como se a criança praticamente não fizesse jus a essas expressões de amor. Ressalta ainda que os favoráveis do castigo físico parecem ter esquecido que a vara do pastor, mencionada nas Escrituras (Sl 23.4<sub>b</sub>) era usada quase continuamente e excepcionalmente para guiar as ovelhas e não para espancá-las.<sup>129</sup>

Para Campbell, os pastores conduzem com gentileza as ovelhas, principalmente, os cordeiros, simplesmente levantando a vara a fim de impedir que trilhassem na direção errada e depois docemente os impeliam para o caminho certo. Campbell colore afirmando que, se a vara foi ou é uma ferramenta usada principalmente para bater, acharia difícil entender as palavras do Salmo: “A tua vara e o teu cajado me consolam”.<sup>130</sup>

Tanto na literatura bíblica como em outras literaturas, o uso da vara surge como recurso na disciplina dos filhos. Nessa direção, Milton Torres pesquisa a vara como instrumento de disciplina dentro do contexto bíblico, levando em consideração a simbologia, a cultura e as tradições literárias.<sup>131</sup> De acordo com o autor, as mais remotas exposições literárias de que dispomos nos expõem a vara como ferramenta ideal para a disciplina dos filhos; menciona a Bíblia como livro poderoso que encomenda essa prática e afirma que, de fato e lamentavelmente, a vara tem uma longa genealogia na história.<sup>132</sup> Realça que há quatro termos hebraicos usados na Escritura hebraica e que toa não haver diferença estimável entre eles, que o termo *rbabdos* é o termo mais comum empregado também na tradução do Novo Testamento.

---

<sup>129</sup> CAMPBELL, 1991, p. 75.

<sup>130</sup> CAMPBELL, 1991, p. 75-76.

<sup>131</sup> TORRES, Milton Luiz. A vara como instrumento de disciplina. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS, n. 29, p. 32-35, set.- dez. 2012. p. 32. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/318/477>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

<sup>132</sup> TORRES, 2012, p. 32.

Torres descreve que, na literatura ocidental, a expressão “vara” surge pela primeira vez no século VIII a.C., nos épicos e hinos homéricos e no hino de Hermes. Afirma que, comumente, o termo grego para vara assinala especialmente autoridade. Ressalta que, tanto na literatura bíblica quanto na extrabíblica, o termo também está relacionado a comando.<sup>133</sup> O autor salienta que, na conjuntura da Bíblia Hebraica, a vara indica o comando de Moisés (Êx 4. 2), do patriarcado (Nm 17. 2), de Aarão (Nm 17. 18), da realeza (Es 4. 1; 5. 2; 8. 4), dos escribas ou legisladores (Jz 5. 14), do Messias (Sl 2. 9; Mq 7. 14; Is 7. 14) e de Deus (Sl 45. 6). O autor menciona também que, no Novo Testamento, a expressão “vara” alude à autoridade dos salvos (Ap 2. 27) e de Cristo (Ap 19.15). Por seu denodo como ferramenta de autoridade, Miquéias 6.9 adverte: “ouvi a vara e quem a ordenou”.<sup>134</sup>

Torres expressa ainda que a vara surge igualmente na literatura antiga como instrumento de correção e que, na conjuntura da Escritura Hebraica, sobretudo, em suas obras sapienciais, toa ter sido um recurso comum dos pais na punição física com o uso da vara. Segundo o autor,

Em Pr 13. 24, lemos: “o que retém a vara (*sbêbbet*) despreza o seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina”. Em Pr 23. 13-14 está escrito: “não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara (*sbêbbet*), não morrerá. Tu a fustigarás com a vara (*sbêbbet*) e livrará a sua alma do inferno”. Às vezes, atribui-se à vara certa capacidade profilática. Em Pr 22. 15 está escrito: “a estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara (*sbêbbet*) da disciplina a afastará dela”. Da mesma forma lemos em Pr 29. 15: “a vara (*sbêbbet*) e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma bem a envergonhar a sua mãe”.<sup>135</sup>

Torres ressalta que a concepção bíblica do alinhamento pela vara parece perfazer segmento de uma visão de mundo que leva em apreço que o uso da vara tem uma proporção que aumenta a autoridade e o desejo de transformação. Notifica que os antigos nos transmitiram o conceito de que a vara representa a autoridade dos pais.<sup>136</sup> Destaca que o uso da vara tem uma proporção que protesta o abuso, que há indicativos de que a vara era um *último* recurso a ser utilizado.<sup>137</sup> Em seu estudo, Torres frisa que a utilização da vara tem uma grandeza misericordiosa, que, na antiguidade, a vara possuía um emprego prático na vida cotidiana; seu uso não se

---

<sup>133</sup> TORRES, 2012, p. 32-33.

<sup>134</sup> TORRES, 2012, p. 33.

<sup>135</sup> TORRES, 2012, p. 33-34.

<sup>136</sup> TORRES, 2012, p. 34.

<sup>137</sup> TORRES, 2012, p. 34.

restringia apenas à punição dos filhos, usava-se também, como bastão e servia de ajuda aos idosos.<sup>138</sup>

Atualmente, entretanto, não é mais possível compreender a disciplina como castigo físico. Nessa direção, Torres nos auxilia a compreender as passagens bíblicas sobre o emprego da vara metaforicamente. Para o autor, o emprego da vara tem uma dimensão metafórica. Com base em passagens da própria Bíblia Hebraica como Is 11.4 que declara que Deus vai tratar os perversos com a vara de sua boca, Is 30.31 afirma que a vara de Deus é a sua voz.<sup>139</sup> Enfoca que os princípios educativos que emergem da leitura atenta das passagens bíblicas sobre a vara incluem:

- 1) Devemos levar a sério a correção dos filhos; 2) Devemos corrigi-los com autoridade; 3) Nossa correção deve sempre ter por objetivo uma transformação positiva de seu comportamento; 4) Nenhuma correção deve consistir de excesso; 5) Toda correção deve envolver misericórdia, amor e paciência; 6) A correção deve fazer uso do recurso mais confiável e eficaz do qual dispomos: nossas palavras. 7) A correção deve terminantemente excluir a violência.<sup>140</sup>

De acordo com o comentário da Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal, a ausência de disciplina põe o amor dos pais em dúvida, pois revelam que não há cuidado com o desenvolvimento da personalidade dos filhos. A correção evita ruína no porvir; sem a disciplina, a criança cresce sem a compreensão do certo e do errado e com pouco senso de direção na vida. O intuito da correção faz parte do amor, pois a finalidade é ajudar. As crianças pequenas comumente praticam coisas tolas e insolentes, pois não sabem as implicações de suas ações. A Sabedoria e o bom senso não são adquiridos apenas pelo bom exemplo dos pais; os pais devem disciplinar seus filhos, a fim de ajudá-los a aprender a diferença entre o certo e o errado.<sup>141</sup>

Em suma, portanto, o relacionamento com os filhos exige cuidado bem como habilidades e discernimento. Eles precisam de uma disciplina fundamentada, porém, conduzida com amor. Não se deve provocá-los com condenações absurdas, ridicularizar e aniquilar o pudor próprio, de maneira que deixem de tentar praticar as

---

<sup>138</sup> TORRES, 2012, p. 34.

<sup>139</sup> TORRES, 2012, p. 35.

<sup>140</sup> TORRES, 2012, p. 35. E Cf. KEEFAUVER, 2004, p. 22-29.

<sup>141</sup> BÍBLIA DE ESTUDO APLICAÇÃO PESSOAL, 2003, p. 849.

coisas corretamente. O apóstolo Paulo, em Cl 3.21, ajusta os pais sobre este fato: “Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, porque isso é agradável ao Senhor”. Dentro dos conceitos esboçados, antes de qualquer posicionamento, a criança precisa estar abastecida emocionalmente de amor, piedade, sensibilidade, entendimento, perdão, apoio, orientação, afabilidade e afeição. Dentro dessas características o amor será adequado e funcionará como via integradora eficaz no relacionamento com os filhos.



## CONCLUSÃO

Toda construção, para ser durável e segura, precisa de uma base bem fundamentada, caso contrário o edifício ruirá. Os pais são os responsáveis diretos na construção da vida dos filhos, isso, desde o encontro das células germinais de onde principia o novo ser. Devido à grandeza da causa, é imperativo que os responsáveis se apliquem de forma que o incremento de mais uma vida receba a estrutura necessária para um desenvolvimento adequado. No permeio dessa solidez, a fé é fundamental. A confiança na amplitude do contexto da disposição do espírito que induz a realizações, **a grandeza da esperança**; do denodo, no encadeamento da firmeza de ânimo ante o perigo, as instabilidades e as ansiedades, **a magnitude da coragem** e a ternura, sentimento que infere a aproximar-se, a proteger e conservar o objeto pelo qual se sente afeição, **o transcendente amor**. Essa base permeada desses predicados deve ser a origem para a formação apropriada do ser.

Na extensão de vida da criança, há fatores peculiares que, se forem ignorados, prejudicará o desenvolvimento, agravos que poderão causar consequências negativas por toda a vida, originando desajustes tanto para a subjetividade do indivíduo como para a coletividade. O conhecimento de tais particularidades como o respeito que a criança nutre pelas pessoas que julga superior, o fato de agir por imitação moldando no comportamento daqueles que a cercam, principalmente dos genitores, os sentimentos morais, o respeito mútuo, o companheirismo e o senso de justiça que, em certa idade, a criança é capaz de desenvolver e que considera fator determinante. Saber dessas características contribuirá para uma postura adequada das pessoas que a cercam, principalmente dos pais, que estão em contato mais direto e são responsáveis pela formação ajustada dos filhos.

A personalidade é realidade que gera a vida moral da pessoa, esse denodo não nasce com o bebê, mas é desenvolvido e começa desde o nascimento. Tais rudimentos estabelecerão os padrões de conduta da pessoa. A consideração das estruturas primárias que estão ligadas à vida física da criança como as estruturas

secundárias que são de caráter psicológico é fundamental; a afetividade também é fator determinante, pois o amor concede a base adequada para a criatura se desenvolver de forma efetiva. De acordo com os especialistas, esta particularidade é desenvolvida totalmente ou majoritariamente, na infância, cabendo especialmente aos pais nortear esse desenvolvimento de forma que a personalidade seja a mais apropriada possível, a fim de que o indivíduo tenha caráter adequado.

As Escrituras Sagradas contêm orientações para todas as situações que envolvem o ser humano, preceitos fundamentais para um padrão ajustado e reverente a Deus. Quanto ao relacionamento entre pais e filhos, contêm princípios para formação de um caráter dentro de delineações seguras que proporcionam saúde física, mental e espiritual adequada, num grau de satisfação suficiente a preencher os anseios normais de uma pessoa.

O lar é fator importante e Deus tracejou a contextura familiar por causas extremamente essenciais. Uma das razões para a instituição da família se fundamenta na necessidade de direção que as crianças possuem. Como a formação da personalidade do ser praticamente se define nos anos formativos, a conjuntura familiar adequada é fundamental. A família, no conceito bíblico, não é um fato sociológico temporário, sendo indispensável a toda cultura. O fator que caracteriza o cristão é a convicção sobre Deus, a Bíblia Sagrada, o ser humano e a vida, sendo essas convicções que modelam a existência do cristão, cabendo aos pais a responsabilidade principal nesse processo. A fé deve começar em casa com os pais refletindo a imagem de Deus e os filhos espelhando a imagem dos pais. A criança aprende com presteza e não se esquece de o que contemplaram e ouviram (Sl 78. 3-4).

Na construção de relações saudáveis e efetivas, o amor é o contexto singular que pode cumprir as exigências necessárias, pois, em seus aspectos, é transcendente. O fundamento de um relacionamento ajustado entre pais e filhos é o amor incondicional e esse estilo de relacionamento é sólido e desenvolve a criança de forma a alcançar seu pleno potencial. Há três formas eficazes de transmitir amor aos filhos: contato visual, comunicação afetiva olho a olho; contato físico, pois, dependendo da idade, a criança não consegue entender grande parte das expressões usadas pelos adultos e o toque agradável a levará a compreender o

afeto transmitido; atenção concentrada, na qual se dispensa à criança uma aplicação integral, em que ouvir e considerar são primordiais. Eliminando o monólogo, dando ênfase ao diálogo, abre-se espaço para a construção de princípios determinantes, como reconhecer erros, pedir perdão e perdoar, qualidades de personalidade adequada.

Na dimensão do ensinar a criança o caminho conveniente, a disciplina como parte do amor é fundamental, pois o relacionamento sem regras resulta em caos. A finalidade da disciplina é auxiliar no desenvolvimento dos filhos e não exasperá-los. A ausência de disciplina põe o amor dos pais em dúvida, revelando falta de cuidado no desenvolvimento dos filhos. Porém, antes de qualquer posicionamento, é necessário averiguar se a criança está abastecida emocionalmente, de amor, de que este, de forma incondicional, seja sentido e convivido; de piedade, de forma que as crianças sintam a devoção dos pais; de entendimento, no qual o entrosamento é valorizado; de perdão, pois uma nova oportunidade revela confiança; de apoio, do qual fornece a base para se caminhar de forma segura; de orientação, na qual a experiência acompanhada do bom testemunho dos genitores constitui modelo para decisões e atitudes; de afabilidade, pois a ternura é ingrediente que gera harmonia; como também de afeição, pois a estima expressa o alto valor. Estando a criança com seu reservatório emocional provido, ela responderá de forma positiva à disciplina. Tanto a dimensão psicológica quanto os princípios bíblicos apontam a um relacionamento afetivo por parte dos pais, no qual o cuidado e o amor não podem ser negligenciados, para que os filhos sejam devidamente nutridos emocionalmente, a fim de se desenvolverem de forma apropriada.



## REFERÊNCIAS

BOCK, Bahia Ana Mercês. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRANDT, Henry; DOWDY, Homer. *Edificando um lar cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

BRUNER, Kurt D et al. *A fé começa em casa*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.

CAMPBELL, Ross. *Filhos Felizes*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

COLLINS, Gary R.. *Aconselhamento Cristão*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

*Comentário Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal*. ed. 2004. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

*Comentário Bíblia de Estudo Pentecostal*. ed. 1995. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DEL PRETTE, Zilda A.P.; DEL PRETTE, Almir. *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância*. Petrópolis: VOZES, 2005.

DOBSON, James C. *Coragem Para os Pais*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. A psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca de Sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GONZÁLEZ; PADILHA. Conhecimento Social e Desenvolvimento Moral nos Anos Pré-escolares. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 165-189.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

KEEFAUVER, Larry. *Verdades para ser bons pais*. Belo Horizonte: Atos, 2004.

LIVINGSTON, George Herbert et al. *Comentário Bíblico Beacon*. v. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

LÓPEZ, Félix. Desenvolvimento Social e da Personalidade. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-93.

NARRAMORE, Bruce. *Socorro Temos Filhos!* São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

PALÁCIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da Personalidade nos Anos Pré-escolares. In: COLL, César; PALACIOS, Jesus; MARCHESI, Alvaro. (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e educação: Psicologia Evolutiva*. Tradução Francisco Franke Settineri e Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 178-189.

ROSA, Merval. *Psicologia Evolutiva, V. II, Psicologia da Infância*. Petrópolis: Vozes, 1983.

TORRES, Milton Luiz. A vara como instrumento de disciplina. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, RS, n. 29, p. 32-35, set.- dez. 2012. p. 32. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/318/477>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

WEBER, Hans Ruedi. *Jesus e as Crianças*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

WEITEN, Wayne. *Introdução à Psicologia: Temas e Variações*. Edição Concisa. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010.